

Universidades Lusíada

Barbosa, Denise Tiago, 2001-

A relação entre vinculação, estilos parentais e comportamento antissocial

<http://hdl.handle.net/11067/8817>

Metadados

Data de Publicação

2025

Resumo

O comportamento antissocial representa um fator de risco significativo, com tendência a persistir ao longo da vida caso não seja alvo de intervenção precoce. Compreender os fatores que contribuem para o seu desenvolvimento é fundamental para delinear estratégias eficazes de prevenção. Entre esses fatores, destaca-se a qualidade da vinculação estabelecida na infância, bem como os estilos parentais. Neste contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar de que forma a qualidade da vinculação...

Antisocial behavior represents a significant risk factor, with a tendency to persist throughout life if it is not targeted by early intervention. Understanding the factors that contribute to its development is fundamental to designing effective prevention strategies. These factors include the quality of the attachment established in childhood, as well as parenting styles. In this context, this study aims to analyze how the quality of attachment and parenting styles influence the manifestation of...

Palavras Chave

Pais e Filhos, Parentalidade, Comportamento de vinculação, Perturbação antissocial da personalidade

Tipo

masterThesis

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULL-IPCE] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-10-29T21:02:15Z com informação proveniente do Repositório



UNIVERSIDADE LUSÍADA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
Mestrado em Psicologia Clínica

**A relação entre vinculação, estilos parentais e
comportamento antissocial**

Realizado por:
Denise Tiago Barbosa

Orientado por:
Professora Doutora Rita Alexandra Rosa Antunes

Constituição do Júri:

Presidente:	Professora Doutora Túlia Rute Maia Cabrita
Orientadora:	Professora Doutora Rita Alexandra Rosa Antunes
Arguente:	Professora Doutora Joana Martins Gonçalves Lopes

Dissertação aprovada em: 03 de junho de 2026

Lisboa
2025



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A

INSTITUTO DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestrado em Psicologia Clínica

A relação entre vinculação, estilos parentais e comportamento antissocial

Denise Tiago Barbosa

Lisboa

Agosto 2025



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A

INSTITUTO DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestrado em Psicologia Clínica

A relação entre vinculação, estilos parentais e comportamento antissocial

Denise Tiago Barbosa

Lisboa

Agosto 2025

Denise Tiago Barbosa

A relação entre vinculação, estilos parentais e comportamento antissocial

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Professora Doutora Rita Alexandra Rosa Antunes

Lisboa

Agosto 2025

FICHA TÉCNICA

Autora Denise Tiago Barbosa
Orientadora Professora Doutora Rita Alexandra Rosa Antunes
Título A relação entre vinculação, estilos parentais e comportamento antissocial
Local Lisboa
Ano 2025

CASA DO CONHECIMENTO DA UNIVERSIDADE LUSÍADA - CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

BARBOSA, Denise Tiago, 2001-

A relação entre vinculação, estilos parentais e comportamento antissocial / Denise Tiago Barbosa ; orientado por Rita Alexandra Rosa Antunes. - Lisboa : [s.n.], 2025. - Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada.

I - ANTUNES, Rita Alexandra Rosa, 1983-

LCSH

1. Pertubação antissocial da personalidade
2. Pais e filhos
3. Parentalidade
4. Comportamento de vinculação
5. Universidade Lusíada. Instituto de Psicologia e Ciências da Educação - Teses
6. Teses - Portugal - Lisboa

1. Antisocial personality disorders

2. Parent and child

3. Parenthood

4. Attachment behavior

5. Universidade Lusíada. Instituto de Psicologia e Ciências da Educação - Dissertations

6. Dissertations, academic - Portugal - Lisbon

LCC

1. RC555.B37 2025

AVISO LEGAL

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela. Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

Por mais que tente encontrar as palavras certas, nenhuma parece fazer justiça a este momento. Após cinco anos intensos de obstáculos, ver este capítulo concluído é uma sensação extremamente gratificante. No entanto, esta jornada só foi possível graças a pessoas que me acompanharam, apoiaram e acreditaram em mim.

À Professora Doutora Rita Antunes, expresso a minha gratidão pela orientação, apoio, motivação e profissionalismo.

À minha mãe, que sozinha, enfrentou tudo para me proporcionar as oportunidades que tive. Obrigada por tudo. Este percurso também é teu.

Ao meu namorado, que me acompanha desde o início. Obrigada por acreditares em mim e transformares os meus pensamentos negativos em esperança. A tua presença e apoio são sempre essenciais.

À Patrícia, que rapidamente se tornou numa amiga confiante e companheira incansável. Partilhámos risos, medos e desafios semelhantes. Foi um conforto sentir a compreensão genuína de alguém que realmente sabia o que eu estava a viver. Que a vida continue a cruzar os nossos caminhos e que nunca falte os nossos lanchinhos.

À Gabriela, que entrou a meio deste processo atribulado, mas que me viu nos meus estados de mais pura aflição, sem nunca me julgar. Pelo contrário, acolheu-me com paciência, carinho e palavras de encorajamento, lembrando-me de que é se resolve com persistência.

Aos meus restantes amigos e familiares, pela curiosidade do meu processo e que sempre me desejaram boa sorte.

E a mim, por nunca ter desistido.

*“Tudo o que a mente humana pode
conceber, ela pode conquistar”*

-Napoleon Hill

Resumo

O comportamento antissocial representa um fator de risco significativo, com tendência a persistir ao longo da vida caso não seja alvo de intervenção precoce. Compreender os fatores que contribuem para o seu desenvolvimento é fundamental para delinear estratégias eficazes de prevenção. Entre esses fatores, destaca-se a qualidade da vinculação estabelecida na infância, bem como os estilos parentais. Neste contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar de que forma a qualidade da vinculação e os estilos parentais influenciam a manifestação de comportamentos antissociais na idade adulta. Neste estudo, participaram 158 pessoas (88 mulheres e 70 homens), com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos. O plano metodológico incluiu a aplicação de quatro instrumentos: (1) *Questionário sociodemográfico* para caracterização da amostra, (2) “*Predictive Antisocial Spectrum Questionnaire*” destinado à avaliação de traços antissociais, (3) “*Parental Authority Questionnaire (PAQ)*” para avaliar os estilos parentais percebidos pelos jovens e, por fim, (4) “*Parental Bonding Instrument (PBI)*” para analisar a perceção que os participantes têm das atitudes e comportamentos dos pais durante a infância/adolescência. Os resultados evidenciaram que os estilos parentais estão significativamente relacionados à vinculação quanto ao comportamento antissocial. O estilo democrático associou-se a um maior cuidado parental e a menor propensão para comportamentos antissociais, enquanto o estilo permissivo esteve relacionado a níveis mais elevados desses comportamentos. A combinação de estilos parentais disfuncionais e a vinculação insegura aumentou em cerca de 2,7 vezes a probabilidade de manifestação de comportamentos antissociais.

Palavras-chave: comportamento antissocial, vinculação, estilos parentais, adultos

Abstract

Antisocial behavior represents a significant risk factor, with a tendency to persist throughout life if it is not targeted by early intervention. Understanding the factors that contribute to its development is fundamental to designing effective prevention strategies. These factors include the quality of the attachment established in childhood, as well as parenting styles. In this context, this study aims to analyze how the quality of attachment and parenting styles influence the manifestation of antisocial behavior in adulthood. In this study, 158 people (88 women and 70 men) participated, aged between 18 and 35 years. The methodological plan included the use of four instruments: (1) a Sociodemographic questionnaire to characterize the sample, (2) the “Predictive Antisocial Spectrum Questionnaire” to assess antisocial traits, (3) the “Parental Authority Questionnaire (PAQ)” to assess the parenting styles perceived by the young people and, finally, (4) the “Parental Bonding Instrument (PBI)” to analyse the participants' perception of their parents' attitudes and behaviour during childhood/adolescence. The results showed that parenting styles are significantly related to attachment and antisocial behavior. The authoritative style was associated with greater parental care and a lower propensity for antisocial behavior, while the permissive style was related to higher levels of these behaviors. The combination of dysfunctional parenting styles and insecure attachment increased the likelihood of antisocial behavior by about 2.7 times.

Keywords: antisocial behavior, attachment, parenting styles, adults

Lista de tabelas

Tabela 1 Fatores de risco e proteção	25
Tabela 2 Dados Sociodemográficos	34
Tabela 3 Consistência interna do PASQ	40
Tabela 4 Consistência interna do PAQ	41
Tabela 5 Consistência interna do PBI	42
Tabela 6 Análise descritiva do PASQ	43
Tabela 7 Análise descritiva do PAQ	43
Tabela 8 Análise descritiva do PBI	44
Tabela 9 Correlação de Spearman entre estilos parentais e a vinculação	46
Tabela 10 Correlação de Spearman entre vincunlação e comportamento antissocial	47
Tabela 11 Correlação de Spearman entre estilos parentais e comportamento antissocial	48
Tabela 12 Regressão logística ordinal entre os estilos parentais e comportamento Antissocial	49
Tabela 13 Regressão logísitica binária para predição do comportamento antissocial a partir dos estilos parentais disfuncionais e a vinculação insegura	50
Tabela 14 Regressão logísitica binária para predição do comportamento antissocial a partir do estilo parental funcional e a vinculação segura	51
Tabela 15 Teste do Mann-Whitney U para comparação de comportamento antissocial entre sexos	51
Tabela 16 Distribuição de pontos médios do comportamento antissocial em função da figura parental com que os participantes cresceram	52
Tabela 17 Teste de Kruskal-Wallis para o comportamento antissocial em função da figura parental com quem os participantes cresceram	52
Tabela 18 Teste do Mann-Whitney U para o conflito com a lei e o comportamento antissocial	53
Tabela 19 Teste do Mann-Whitney U sobre o conhecimento por um familiar/amigo com a justiça e o comportamento antissocial	54

Índice de figuras

Figura 1. Modelo de Agressão Geral	21
--	----

Índice

Introdução	14
1. Enquadramento teórico	16
1.1 Comportamento Antissocial.....	16
1.2 Modelo Geral da Agressão de Anderson e Bushman (2002).....	17
1.3 Fatores de Risco e Proteção	22
1.4 A Teoria da Vinculação	26
1.5 Estilos Parentais	28
1.6 Objetivos da investigação	31
2. Método	33
2.1 Participantes.....	33
2.2 Instrumentos.....	35
2.2.1 <i>Questionário Sociodemográfico</i>	35
2.2.2 <i>Predictive Antisocial Spectrum Questionnaire</i>	35
2.2.3 <i>Parental Authority Questionnaire (PAQ)</i>	36
2.2.4 <i>Parental Bonding Instrument (PBI)</i>	37
2.3 Procedimentos.....	38
2.4 Análise de Dados	39
3. Resultados	40
4. Discussão	55
5. Conclusão.....	59

Referências bibliográficas.....	62
Anexos	72
Anexo A Declaração de Consentimento Informado	73
Anexo B Questionário Sociodemográfico	74
Anexo C <i>Predictive Antisocial Spectrum Questionnaire</i>	75
Anexo D <i>Parental Authority Questionnaire</i>	76
Anexo E <i>Parental Bonding Instrument</i>	78
Anexo F Solicitação dos questionários aos autores	80

Introdução

O comportamento antissocial constitui uma preocupação significativa, uma vez que envolve a prática de atos ilícitos, geralmente por adolescentes e adultos, resultando em consequências negativas tanto para os indivíduos – como dificuldades na integração social, académica e laboral – quanto para a sociedade devido ao aumento da violência, da criminalidade e dos custos sociais associados (Black, 2015).

Historicamente, o interesse pelo comportamento antissocial e pela criminalidade remonta ao século XIX, período em que se procurava identificar traços biológicos inerentes nos criminosos (Brazil et al, 2016). Com o avanço do conhecimento científico, a compreensão acerca da criminalidade evoluiu, incorporando uma análise multifatorial de fatores sociais, psicológicos e ambientais. Nesse contexto, a psicologia passou a desempenhar um papel central na compreensão das causas e mecanismos subjacentes ao comportamento antissocial, focando-se na interação entre características individuais – tais como traços de personalidade, autocontrolo e empatia – e o contexto social e familiar. Esta abordagem biopsicossocial possibilita um olhar mais abrangente sobre os fatores de risco e proteção envolvidos (Brazil et al., 2016).

O comportamento antissocial é influenciado por múltiplos fatores de risco. (Farrington, 2005). Quanto mais cedo se adquire comportamentos positivos maior será a probabilidade de estes permanecerem ao longo da vida adulta (Farrington, 2005).

O comportamento agressivo pode ser compreendido através do Modelo Geral da Agressão (2002), o qual defende que a agressividade não resulta apenas de traços de personalidade, mas também de fatores associados ao contexto social (Anderson & Bushman, 2002).

Importa também salientar que o desenvolvimento do córtex pré-frontal – região cerebral responsável pela tomada de decisões, planeamento e controlo dos impulsos – só se

completa por volta dos 25 anos. Isto significa que os jovens adultos até atingirem esse patamar ainda estão num processo de maturação neurológica, o que pode aumentar a sua vulnerabilidade à impulsividade e à adoção de comportamentos de risco (Romer et al., 2017).

Contudo, para compreender o comportamento antissocial, é essencial considerar tanto o percurso como o ambiente em que o indivíduo se desenvolveu. Tanto o padrão de vinculação quanto o estilo de parentalidade exercem uma influência no desenvolvimento social das pessoas (Salavera et al., 2022). Essa experiência molda a personalidade, as atitudes e os comportamentos, apresentando-se como um traço relativamente duradouro ao longo da vida (Bowlby, 1969).

Apesar da vasta produção de estudos científicos (Álvarez-Garcia et al., 2016; Kiran et al., 2018; Gubbels et al., 2024; Malondra et al., 2019; Scott & Doolan, 2022) sobre o comportamento antissocial, a maioria concentra-se em populações infantis e adolescentes, desconsiderando a análise destas dinâmicas durante a fase adulta. Investigar a relação entre vinculação, estilos parentais e comportamento antissocial em adultos permite aprofundar o conhecimento sobre a continuidade dos modelos desenvolvimentais iniciados na infância. Ao destacar a importância destas variáveis, este estudo poderá fornecer informações valiosas aos pais, cuidadores e profissionais da saúde, proporcionando ambientes mais saudáveis, compreensíveis e seguros, fundamentais para o futuro dos indivíduos.

Enquadramento teórico

Comportamento Antissocial

O conceito de comportamento antissocial é amplamente utilizado nas áreas da psicologia e da psiquiatria para descrever padrões de conduta delinquente e criminal que ocorrem de forma reiterada, causando prejuízos ao próprio indivíduo, à sua família e à comunidade (Brazil et al., 2016; Martins-Silva et al., 2023). De forma mais abrangente, este comportamento não se restringe apenas à prática de atos ilícitos. Inclui igualmente atitudes que desrespeitam as normas sociais estabelecidas e os direitos pessoais ou propriedade de terceiros, como é o caso do roubo, agressão, vandalismo, racismo e disseminação de rumores (Burt et al., 2018; Yanuari et al., 2021).

Este perfil comportamental caracteriza-se por um padrão persistente de traços de personalidade, atitudes e condutas considerados disfuncionais, uma vez que tendem a gerar consequências negativas nos domínios interpessoal e social (Hashmani & Jonason, 2021).

Indivíduos com práticas contrárias às normas sociais revelam frequentemente comportamentos manipuladores, propensão para a mentira, dificuldades na planificação a longo prazo, instabilidade emocional e agressividade. Além disso, evidenciam uma marcada ausência de preocupação com a própria segurança e com a dos outros (Schorr et al., 2020).

Este padrão tende a manifestar-se desde a infância ou no início da adolescência, podendo prolongar-se até à fase adulta na ausência de uma intervenção adequada (Schorr et al., 2020). Em adultos, o comportamento antissocial associa-se frequentemente a relações interpessoais instáveis (Blazei et al., 2006). Estes indivíduos apresentam menor probabilidade de contrair matrimónio, e, quando tal acontece, este é frequentemente marcado por episódios de violência doméstica, maior probabilidade de divórcio um estilo parental caracterizado pela ausência e negligência. No domínio social, é comum verificarem-se trajetórias laborais

instáveis, bem como um maior envolvimento em conflitos com a lei. Além disso, observa-se frequentemente a participação em confrontos físicos e a posse de armas (Blazei et al., 2006).

O comportamento antissocial pode ser classificado em três categorias distintas: (1) agressão física, que se manifesta por meio de atos que causam dano corporal direto a terceiros, como bater, pontapear, esfaquear e matar; (2) agressão social, que inclui comportamentos orientados para a manipulação e desestabilização de relações interpessoais através de conflitos diretos ou propagação de rumores e (3) quebra de normas, caracterizada por condutas não agressivas, como mentir, roubar sem confronto e vandalismo (Yanuari et al., 2021).

Modelo Geral da Agressão de Anderson e Bushman (2002)

O comportamento antissocial representa um fenômeno complexo, cuja manifestação resulta da interação entre características individuais e fatores ambientais (Human-Hendricks & Roman, 2014). A persistência deste tipo de comportamentos ao longo do desenvolvimento exige uma compreensão integrada que vá além da análise do indivíduo isolado (Human-Hendricks & Roman, 2014). Neste seguimento, o Modelo Geral da Agressão (*General Agression Model* – GAM), desenvolvido por Anderson e Bushman (2002), constitui uma proposta integradora que procura reunir contributos das principais teorias que analisam o comportamento agressivo (Santos et al., 2023).

Trata-se de um modelo abrangente que contempla variáveis de ordem biológicas (e.g. níveis hormonais), sociais (e.g. contexto familiar) e cognitivas (e.g. estruturas de conhecimento), com o intuito de compreender os determinantes da agressão humana (Anderson & Bushman, 2002).

Neste modelo, a agressão resulta da interação entre experiências passadas, estados internos e fatores contextuais, que levam à formação de estruturas cognitivas agressivas, que

podem ser ativadas e utilizadas de forma repetida (Anderson & Bushman, 2002). Assim, o GAM analisa não apenas o papel das variáveis internas e externas ao sujeito, mas também a forma como estas interagem entre si, a curto e a longo prazo, influenciando a probabilidade de ocorrência de comportamentos agressivos (Santos et al., 2023). Anderson e Bushman (2002) definem a agressão humana como qualquer comportamento dirigido intencionalmente a outro indivíduo, com o propósito imediato de causar dano. Acresce que o agressor deve acreditar que o comportamento causará efetivamente prejuízo à vítima, e esta deve estar motivada a evitá-lo (Allen & Anderson, 2017). Esta pode assumir formas verbais ou físicas, variando em intensidade e visibilidade (Allen & Anderson, 2017).

Importa ainda distinguir diferentes tipologias de agressão, conforme a sua natureza (física, verbal e social), ao tipo de relação entre os intervenientes (direta ou indireta / relacional), à motivação subjacente (hostil, instrumental, emocional), e, ainda, a critérios clínicos (proativa e reativa) (Carrasco e Gonzales, 2006; Santos et al., 2023).

O GAM integra elementos explicativos da agressão oriundos de teorias anteriores, como as abordagens de aprendizagem social e *scripts* cognitivo sociais, a teoria transferência de excitação, a teoria da interação social, entre outras (Anderson & Bushman, 2002). O modelo articula dimensões sociais, cognitivas e biológicas no processo de desenvolvimento da agressividade.

A sua estrutura assenta em dois tipos de processos (Ver figura 1): os processos e causas distais e os processos e causas proximais. Os primeiros constituem a base de cada episódio de agressão analisado pelos segundos (Allen et al., 2018). Através dos processos distais, o GAM explica de que forma os modificadores biológicos e ambientais influenciam o desenvolvimento da personalidade, o que, por sua vez, afeta os fatores pessoais e situacionais que caracterizam os processos proximais (Allen et al., 2018).

No que diz respeito aos processos distais, o modelo assume que os modificadores biológicos moldam a personalidade, promovendo uma maior probabilidade de desenvolver uma personalidade agressiva (Allen & Anderson, 2017). Esta pode emergir de diversos fatores de risco, como baixos níveis de excitação, disfunções nos níveis de serotonina, presença de Perturbação de Hiperatividade/Défice de Atenção (PHDA), desequilíbrios hormonais ou défices nas funções executivas (Allen et al., 2018). Paralelamente, os modificadores ambientais contribuem igualmente para esse desenvolvimento, nomeadamente através de contextos de parentalidade disfuncional, ambientes sociais violentos, normas culturais permissivas em relação à violência, experiências de vitimação, privações socioeconómicas, exposição crónica a meios de comunicação violentos, ou ainda a associação a pares antissociais (Allen & Anderson, 2017; Allen et al., 2018).

Os processos proximais dizem respeito à forma como os fatores pessoais e situacionais influenciam os pensamentos agressivos, os sentimentos de raiva e os níveis de excitação, impactando os processos de avaliação e decisão que podem culminar – ou não – num comportamento agressivo (Anderson & Bushman, 2002). Estes processos proximais organizam-se em três componentes: *inputs*/entradas, *routes*/percursos e *outcomes*/resultados.

Os *inputs* (entradas), constituídos por fatores pessoais e situacionais, afetam o estado interno e modulam a probabilidade de uma resposta agressiva (Allen & Anderson, 2017; Allen et al., 2018). Entre os fatores de risco pessoais incluem-se traços como o narcisismo, raiva elevada, autoimagem agressiva, baixos níveis de autocontrolo e certas perturbações de personalidade, enquanto a amabilidade, conscienciosidade e atitudes negativas face à agressão atuam como fatores de proteção. Já os fatores situacionais, como provocação, rejeição social e exposição a conteúdos violentos podem potenciar comportamentos agressivos, ao passo que ambientes positivos e conteúdos pró-sociais funcionam como elementos protetores (Allen & Anderson, 2017; Allen et al., 2018). Estes fatores situacionais

interagem com as características pessoais, podendo, em conjunto, potenciar ou inibir a manifestação de comportamentos antissociais (Allen & Anderson, 2017).

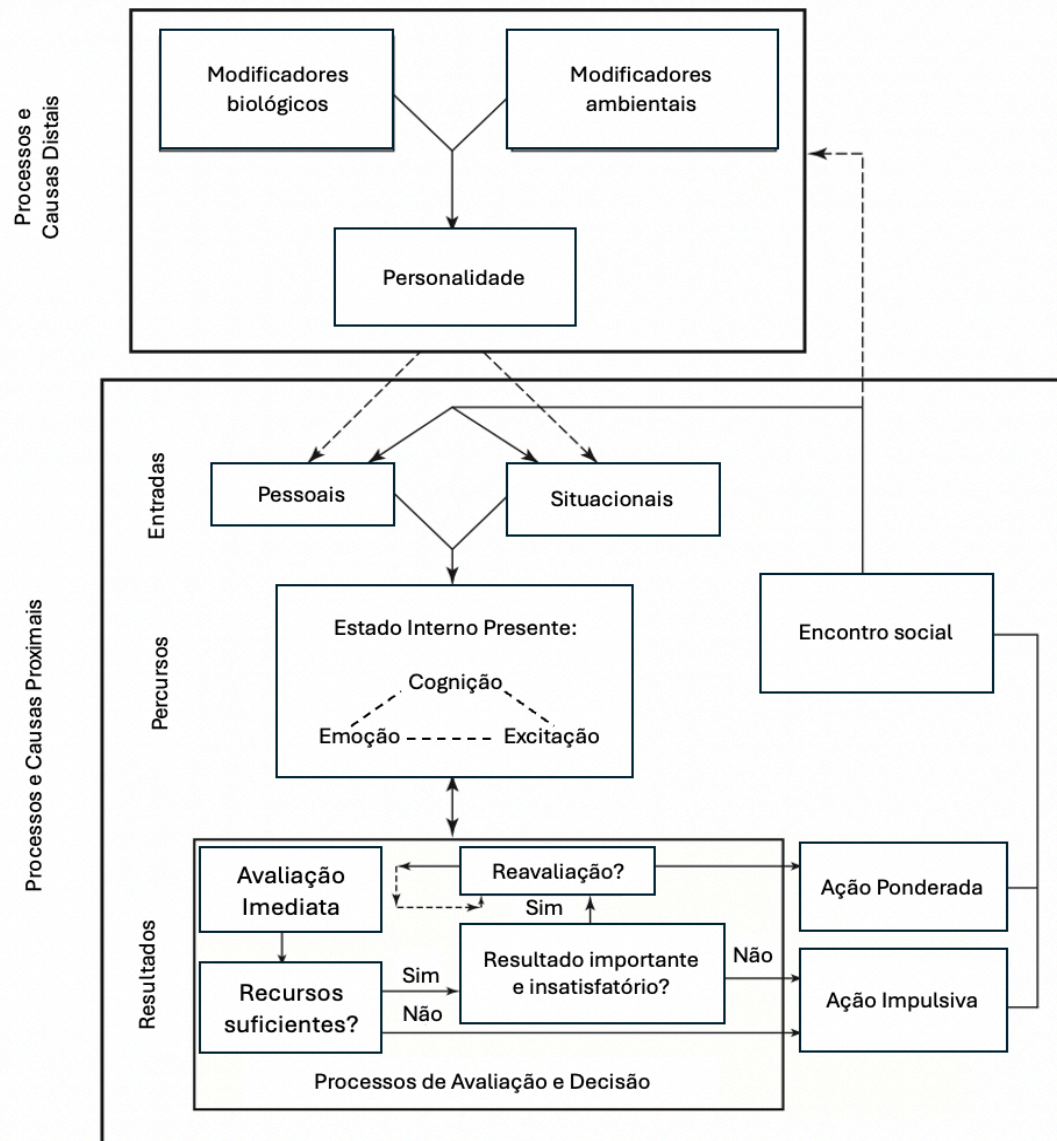
Os *routes* (percursos) correspondem aos processos cognitivos, emocionais e de excitação fisiológica que influenciam a tomada de decisão. Fatores pessoais e situacionais moldam a estrutura interna, favorecendo o desenvolvimento de crenças e atitudes pró-agressivas, bem como de esquemas percecionais enviesados (e.g. tendência para interpretar ações ambíguas como hostis), expectativas agressivas (e.g. antecipar hostilidade nos outros) e guias de comportamento agressivo (*scripts*), como por exemplo, “se alguém te irrita, debes retaliar fisicamente” (Allen & Anderson, 2017; Allen et al., 2018). Uma vez consolidadas, estas estruturas tornam o indivíduo mais propenso a interpretar o ambiente de forma hostil e a procurar contextos que reforcem os seus padrões agressivos (Allen & Anderson, 2017).

Os *outcomes* (resultados) referem-se à fase final do processo, em que o indivíduo avalia a situação e decide como agir, de forma ponderada ou impulsiva (Allen & Anderson, 2017, Allen et al., 2018). Este processo inicia-se com uma avaliação imediata, automática e influenciada por inferências pessoais e situacionais, integrando estados emocionais, intenções e objetivos (Allen & Anderson, 2017). Indivíduos com maior propensão para a agressividade tendem a realizar avaliações imediatas negativas, aumentando a probabilidade de respostas agressivas (Allen & Anderson, 2017; Allen et al., 2018). Quando a avaliação imediata não satisfaz o indivíduo, pode ocorrer uma reavaliação mais deliberada, implicando maior processamento cognitivo (Allen & Anderson, 2017; Allen et al., 2018). Esta reavaliação pode intensificar o estado interno agressivo (e.g. aumento da raiva e de pensamentos agressivos), conduzindo a uma resposta ponderada – que poderá ou não ser agressiva ou não. Em alternativa, quando a reavaliação não ocorre, a resposta tende a ser automática e impulsiva. O comportamento resultante, por sua vez, influencia interações sociais futuras e reforça ou

modifica as estruturas cognitivas agressivas, perpetuando o ciclo da agressividade (Allen & Anderson, 2017, Allen et al., 2018).

Figura 1.

Modelo Geral da Agressão



Nota. Os processos distais do modelo GAM explicam de que forma os fatores biológicos e ambientais moldam a personalidade, através da modificação das estruturas de conhecimento. Já os processos proximais descrevem como as características pessoais e os estímulos situacionais influenciam a cognição, as emoções e a ativação fisiológica nos processos de avaliação e tomada de decisão. Estes podem culminar em comportamentos agressivos ou não agressivos. Cada ciclo dos processos proximais atua como um mecanismo de aprendizagem, contribuindo para o desenvolvimento e a acessibilidade das estruturas que orientam a decisão de adotar comportamentos agressivos.

Fatores de Risco e Proteção

No desenvolvimento, manutenção e agravamento dos comportamentos antissociais intervêm múltiplos fatores de risco associados. Contudo, não é plausível atribuir a trajetória comportamental a um único fator isolado, mas sim ao conjunto e à interação complexa entre diferentes determinantes (Gubbels et al., 2024). A investigação científica tem-se desdobrado de forma significativa sobre os fatores de risco, evidenciando que a continuidade dos comportamentos antissociais resulta da interação entre características individuais e dos riscos contextuais presentes nos diversos ambientes, nomeadamente o familiar e o social (Bobbio et al., 2020).

Os fatores de risco individuais incluem características intrínsecas do próprio sujeito, tais como impulsividade, défices na autorregulação emocional, baixa capacidade empática, dificuldades cognitivas e problemas de saúde mental (Basto-Pereira & Farrington, 2022).

Gottfredson e Hirschi (1990) argumentam que os comportamentos delinquentes são fonte de excitação e gratificação dos desejos e prazeres imediatos, exigindo poucas competências sociocognitivas. Deste modo, os comportamentos antissociais parecem atrair os indivíduos com baixo autocontrolo, descritos pelo seu comportamento impulsivo e simultaneamente insensíveis às necessidades e ao sofrimento dos outros (Gomes & Pereira, 2014). Desta forma, a teoria geral do crime (Gottfredson & Hirschi, 1990) enfatiza claramente o autocontrolo como a principal causa do comportamento delincente. Estes dois autores apontam os estilos parentais ineficazes e desadequados como a principal causa da falta de autocontrolo. Os cuidadores das crianças deveriam ser capazes de reconhecer e corrigir as manifestações de falta de autocontrolo, suprimindo progressivamente o seu comportamento impulsivo (Gomes & Pereira, 2014).

Os autores destacam quatro condições essenciais para promover as capacidades de autocontrolo nas crianças: (1) Vínculo dos pais à criança, na medida em que é este laço afetivo que faz com que o cuidador se preocupe com o seu desenvolvimento saudável; (2) Supervisão

parental, que ajuda os pais a prevenir comportamentos desviantes; (3) Reconhecimento do comportamento desviante, fundamental para que a monitorização tenha impacto no autocontrolo; e, por último, (4) Punição do comportamento desviante, evitando demasiada rigidez e demasiada delicadeza (Gomes & Pereira, 2014).

O sexo masculino é reconhecido como um fator de risco, uma vez que apresenta uma maior prevalência de comportamentos antissociais em comparação ao sexo feminino (Burt et al., 2018). Tal diferença pode ser atribuída a fatores biológicos (altos níveis de testosterona) (Brislin et al., 2022), bem como sociais e culturais (Moffitt, 2018). O sexo feminino, por sua vez, tende a expressar comportamentos desviantes de forma menos visível, através da manipulação relacional, mentiras, propagação de rumores, entre outros (Smaradgi et al., 2020). Apesar de as mulheres também se envolverem em comportamentos antissociais, estes ocorrem em menor intensidade e frequência e estão mais associados a contextos relacionais específicos do que à delinquência sistemática (Ackermann et al., 2019).

Por outro lado, os fatores de risco sociais abrangem os contextos familiares e sociais. No âmbito familiar, destaca-se a exposição a estilos parentais negligentes ou autoritários, a família monoparental, famílias nucleares numerosas, a antissociabilidade de uma das figuras parentais, a violência doméstica, o abuso ou a negligência infantil (Farrington, 2005). A existência de histórico criminal na família, dos progenitores ou dos irmãos, pode também contribuir para uma trajetória negativa para os jovens (Gomide & Dallaqua, 2024).

A nível social, presença de pares com comportamentos desviantes, ambientes escolares desfavoráveis, baixo rendimento académico, baixo nível socioeconómico, exclusão social e comunidades marcadas pela violência também contribuem significativamente para o risco (Farrington, 2005).

Em contraste com os fatores de risco, os fatores de proteção associam a resultados positivos e antecipam uma menor probabilidade de desfechos negativos (Gubbels et al., 2024).

A nível individual, um quociente intelectual elevado tem sido identificado como fator protetor, devido à maior capacidade para enfrentar adversidades (Gubbels et al., 2024). Adicionalmente, competências sólidas de autorregulação, a ausência de características psicopatológicas, um bom rendimento académico e a perceção clara dos riscos associado às condutas antissociais mais graves são igualmente apontados como elementos protetores (Gubbels et al., 2024).

No que respeita à família, a proteção e monitorização parental eficazes, o estabelecimento de vínculos seguros, relações interpessoais positivas e competências parentais adequadas promovem o desenvolvimento de condutas pró-sociais e sustentam o ajustamento saudável da criança (Gubbels et al., 2024).

Em termos sociais, a interação com pares pró-sociais, tanto dentro como fora do contexto escolar e relações positivas com os docentes são promotoras de comportamentos pró-sociais. Além disso, um ambiente comunitário favorável, o envolvimento ativo na mesma e condições habitacionais adequadas configuram-se como fatores protetores relevantes (Gubbels et al., 2024). A participação em atividades de lazer estruturadas também se revela benéfica para a redução de comportamentos antissociais (Gubbels et al., 2024).

Compreender os fatores de risco e de proteção revela-se essencial para estimar a probabilidade de reincidência ou o surgimento de condutas antissociais. Além disso, este conhecimento é fundamental para o desenvolvimento de programas de intervenção focados na minimização dos riscos, promovendo competências pessoais adequadas ao ajustamento social (Farrington et al., 2022).

Tabela 1*Fatores de risco e proteção*

Domínio	Fatores de risco	Fatores de proteção
Individual	Sexo masculino; impulsividade; défices na autorregulação; dificuldades cognitivas; baixa empatia; psicopatologia; baixo autocontrolo (Basto-Pereira & Farrington, 2022; Gomes & Pereira, 2014; Burt et al., 2018).	Sexo feminino; quociente intelectual elevado; capacidade empática; competências de autorregulação (Gubbels et al., 2024).
Familiar	Estilos parentais disfuncionais; família monoparental; famílias nucleares numerosas; antissociabilidade de uma das figuras parentais; violência doméstica; negligência infantil; antecedentes criminais na família (Farrington, 2005; Gomide & Dallaqua, 2024).	Proteção e monitorização parental eficazes; vínculos seguros; relações interpessoais positivas (Gubbels et al., 2024).
Social	Pares delinquentes; baixo nível socioeconómico; exclusão social; comunidades problemáticas (Farrington, 2005).	Pares pró-sociais; ambiente comunitário favorável; atividades de lazer (Gubbels et al., 2024).
Escolar	Ambientes escolares desfavoráveis; baixo rendimento académico; abandono escolar (Farrington, 2005).	Relações positivas com os docentes; bom desempenho académico (Gubbels et al., 2024).

A Teoria da Vinculação

Bowlby e Ainsworth (1991) são amplamente reconhecidos como os principais pioneiros da teoria da vinculação. Segundo os seus contributos, a vinculação corresponde a um laço afetivo profundo e duradouro, estabelecido desde os primeiros momentos de vida, entre a criança e os seus cuidadores consistentes, ao longo da sua existência. A segurança na vinculação reflete-se na forma como as crianças organizam os seus comportamentos para equilibrar as suas necessidades de proteção e conforto com as suas necessidades de explorar o ambiente (Cardoso & Veríssimo, 2013).

No âmbito da teoria da vinculação, foram identificados diferentes estilos de vinculação, que resultam da qualidade das interações precoces entre a criança e a(s) figura(s) cuidadora(s). Estes estilos – seguro, inseguro-evitante, inseguro ambivalente/resistente e desorganizado – têm implicações significativas para o desenvolvimento emocional, social e comportamental ao longo da vida (Bowlby, 1969).

A vinculação segura caracteriza-se por uma perceção consistente da disponibilidade e responsividade da figura de vinculação. As crianças com este estilo desenvolvem uma base segura a partir da qual se sentem encorajadas a explorar o mundo, sabendo que podem recorrer ao cuidador em situações de ameaça ou desconforto (Spruit et al., 2020).

Futuramente, estes indivíduos apresentam uma maior capacidade de regulação emocional, empatia e competências sociais adaptativas. Estas características funcionam como fatores protetores face à manifestação de comportamentos antissociais, uma vez que promovem a internalização de regras sociais, o respeito pela autoridade e a capacidade de lidar com frustrações sem recorrer a comportamentos disfuncionais (Ainsworth et al., 1978).

Em contraste, os estilos inseguros refletem experiências de vinculação menos consistentes e estão associados a um maior risco de problemas de ajustamento. Um cuidado menos sensível, como uma resposta tardia às necessidades do bebé, pode comprometer a

sensação de segurança (Tapia et al., 2018). A prestação dos cuidados marcada pela indisponibilidade emocional e pela rejeição crónica encontra-se associada a uma vinculação insegura-evitante, onde o bebé não procura o cuidador quando necessita de segurança. A criança tende a inibir a expressão emocional e a evitar a proximidade, desenvolvendo uma aparência de autonomia precoce. Mais tarde, estes adultos podem apresentar dificuldade em formar relações significativas, maior distanciamento afetivo e certos comportamentos, como a manipulação ou a agressão calculada (Awiszus et al., 2022). A vinculação ambivalente-resistente surge quando os cuidados se revelam inconsistentes e imprevisíveis em relação às necessidades da criança, ou seja, o cuidador alterna entre disponibilidade e negligência. Este tipo de vinculação leva a criança a manifestar comportamentos de dependência excessiva e ansiedade em relação à separação. Os bebés também apresentam frustração e aparentam comportamentos contraditórios como a intenção de serem acolhidos, mas logo de seguida quererem ir para o chão (Ainsworth et al., 1978; Ainsworth, 1979). Este padrão pode contribuir para dificuldades na gestão emocional e pode ser expressa através da impulsividade, irritabilidade e condutas desafiadoras, aumentando a suscetibilidade para comportamentos antissociais como agressões ou desobediência a figuras de autoridade (Awiszus et al., 2022).

A vinculação desorganizada, identificada por Main e Solomon (1986), caracteriza-se por cuidados negligentes ou abusivos (Ainsworth et al., 1978). Este tipo de vinculação é considerado o mais prejudicial, uma vez que não responde de forma adequada às necessidades da criança e está fortemente associado ao desenvolvimento de comportamentos delinquentes na juventude (Tapia et al., 2018). Estas crianças são desorientadas, apreensivas e desconfortáveis com a proximidade (Pollard et al., 2023).

Em suma, a qualidade das relações de vinculação estabelecidas na infância constitui um dos alicerces centrais no desenvolvimento emocional e comportamental do indivíduo,

influenciando significativamente ou não o desenvolvimento para comportamentos antissociais (Martin, 2024). A vinculação segura oferece uma base sólida para a construção de competências socioemocionais e do autocontrole. Por outro lado, os estilos inseguros e desorganizados, marcados por rejeição, negligência e/ou imprevisibilidade, tendem a comprometer a adaptação social e a favorecer trajetórias de risco (Martin, 2024).

Estilos Parentais

Os pais são as primeiras figuras de referência com quem a criança estabelece contacto, assumindo um papel fundamental na transmissão de ternura e na garantia de um ambiente emocionalmente seguro (Human-Hendricks & Roman, 2014). Nesta perspetiva, a família é considerada como o contexto primordial e indispensável ao desenvolvimento infantil, sendo o comportamento das crianças influenciado pelas experiências vivenciadas nesse ambiente. Desta forma, é essencial que os pais adotem estratégias educativas na criação dos filhos, sendo estas designadas de estilos parentais (Kiran et al., 2018).

Frequentemente, os pais não têm plena consciência do impacto que o seu estilo parental pode exercer no desenvolvimento dos filhos, o que pode resultar em consequências positivas ou negativas a longo prazo (Kiran et al., 2018). A adoção de um determinado estilo parental é influenciada por experiências pessoais prévias e contextos atuais, como o estilo parental vivenciado na infância, crenças socioculturais predominantes e o estatuto socioeconómico da família (Kiran et al., 2018).

Posto isto, Baumrind (1966), uma psicóloga do desenvolvimento, identificou três estilos de parentalidade: democrático, autoritário e permissivo com base em duas dimensões: Responsividade e Exigência (Tapia et al., 2018; Awiszus et al., 2022). Mais tarde, Maccoby e Martin (1983) acrescentaram o estilo negligente (Awiszus et al., 2022).

A responsividade refere-se à capacidade do cuidador para demonstrar afeto, suporte emocional, promover a individualidade, incentivar a autorregulação e responder de forma sensível às necessidades dos filhos. Por outro lado, a exigência diz respeito ao grau de controlo comportamental exercido pelos cuidadores, incluindo as expectativas elevadas, a supervisão constante e a aplicação de uma disciplina estruturada e rigorosa (Baumrind, 1991).

O estilo autoritário apresenta elevados níveis de exigência, mas baixa responsividade (Álvarez-García et al., 2016; Tapia et al., 2018). Os pais autoritários impõem uma disciplina rígida, com pouca ou nenhuma flexibilidade para discussão e criam um ambiente altamente estruturado. Estes pais tendem a ser altamente controladores e menos recetivos às vontades dos filhos. Uma parentalidade excessivamente rígida pode inibir o desenvolvimento e a independência dos filhos. À medida que os adolescentes resistem ao controlo excessivo, tornam-se mais suscetíveis a sentimentos de revolta, o que pode levar à delinquência (Tapia et al., 2018).

O estilo democrático apresenta um equilíbrio entre exigência e responsividade (Álvarez-García et al., 2016), sendo considerado como um modelo eficaz para a socialização geral das crianças (Human-Hendricks & Roman, 2014). Pais democráticos estabelecem regras claras e expectativas consistentes, mas demonstram afeto, escutam e promovem autonomia. Eles são abertos à comunicação bidirecional e ensinam aos seus filhos o autocontrolo (Tapia et al., 2018). Este estilo está associado a menores níveis de comportamentos antissociais (Human-Hendricks & Roman, 2014).

O estilo permissivo, marcado por elevada responsividade e baixa exigência (Álvarez-García et al., 2016), tende a criar um adulto com fraca tolerância à frustração e dificuldades em respeitar regras e normas sociais (Human-Hendricks & Roman, 2014). Os pais tendem a ser demasiado facilitadores e compreensíveis. A ausência de limites claros durante a infância pode comprometer o desenvolvimento do autocontrolo, aumentando o risco de

comportamentos impulsivos ou delinquentes (Kiran et al., 2018). As capacidades sociais destas crianças neste ambiente estão bem desenvolvidas, uma vez que lhes é frequentemente permitido expressarem-se livremente (Tapia et al., 2018).

O estilo negligente, no qual há baixos níveis de exigência e de responsividade (Álvarez-García et al., 2016), é considerado o mais prejudicial (Tapia et al., 2018). A falta de envolvimento emocional e de supervisão parental disponibiliza respostas insuficientes às necessidades das crianças, aumentando assim a probabilidade de desenvolverem comportamentos de risco como o acesso a drogas ilícitas, armas e/ou pornografia (Tapia et al., 2018). Os jovens com pais negligentes frequentemente assumem responsabilidades inadequadas para a sua idade e apresentam falta de motivação, de compromisso e imaturidade (Salavera et al., 2022; Tapia et al., 2018).

Na idade adulta, os jovens mantêm internalizados os modelos parentais experienciados durante a infância que continuam a influenciar a forma como respondem à autoridade, às normas sociais e à regulação do seu próprio comportamento (Pellerone et al., 2017).

Objetivos da investigação

O desenvolvimento de um indivíduo é profundamente influenciado pela relação estabelecida com os pais ou cuidadores, sendo a vinculação e os estilos parentais fatores determinantes na construção do comportamento do mesmo. O comportamento antissocial é de facto bastante preocupante, uma vez que tem tendência para aumentar drasticamente se não for abordado precocemente. De acordo com a literatura, este comportamento está bastante associado à vinculação insegura e aos estilos parentais demasiado exigentes e/ou flexíveis.

Neste sentido, o objetivo geral é entender a relação entre a vinculação, os estilos parentais e o comportamento antissocial. Com base nesse objetivo, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- a. Analisar a relação entre os estilos parentais e a vinculação;
- b. Analisar a relação entre comportamento antissocial e vinculação;
- c. Analisar a relação entre estilos parentais e o comportamento antissocial;
- d. Analisar o tipo de vinculação predominante em indivíduos com comportamentos antissociais;
- e. Analisar quais os estilos parentais mais e menos associados ao comportamento antissocial;
- f. Analisar de que forma a interação entre o tipo de vinculação e os estilos parentais influencia o comportamento antissocial.
- g. Analisar variáveis sociodemográficas em relação ao comportamento antissocial

Posto isto, com base nos objetivos, foram estabelecidas as seguintes hipóteses de investigação:

Hipótese 1: Os estilos parentais estão significativamente relacionados com os estilos de vinculação;

Hipótese 2: O comportamento antissocial está significativamente relacionado com a qualidade da vinculação;

Hipótese 3: Estilos parentais estão significativamente relacionados com o comportamento antissocial;

Hipótese 4: O estilo parental permissivo está positivamente associado a níveis mais elevados de comportamento antissocial, enquanto o estilo parental democrático está negativamente associado a níveis de comportamento antissocial;

Hipótese 5: Indivíduos que experienciaram estilos parentais disfuncionais (autoritários e permissivos) e desenvolveram vinculação insegura apresentam maior probabilidade de manifestar comportamentos antissociais;

Hipótese 6: Indivíduos que experienciam estilo parental democrático e desenvolveram uma vinculação segura apresentam menor probabilidade de manifestar comportamentos antissociais;

Hipótese 7:

1. Indivíduos do sexo masculino apresentam níveis significativamente mais elevados de comportamentos antissociais comparativamente ao sexo feminino.
2. Indivíduos que cresceram em contextos monoparentais ou sob os cuidados dos avós apresentam maior probabilidade de manifestar comportamentos antissociais.
3. Indivíduos com histórico de problemas com a justiça têm maior probabilidade de apresentar comportamentos antissociais.
4. Indivíduos que têm familiares ou amigos com problemas com a justiça têm maior probabilidade de apresentar comportamentos antissociais.

Método

O presente estudo adotou um design transversal e quantitativo, tendo os dados sido recolhidos numa única aplicação.

Participantes

A amostragem foi realizada através do método bola de neve, tendo o estudo sido divulgado nas redes sociais e partilhado com indivíduos que cumpriam com os critérios de inclusão (ter 18 a 35 anos e dominar a língua portuguesa).

A amostra é constituída por 158 participantes. Os participantes têm em média 25 anos (DP= 4,388). Do total, 88 são do sexo feminino (55,7%) e 70 do sexo masculino (44,3%).

No que diz respeito à nacionalidade, 100% dos participantes são portugueses.

Relativamente à distribuição geográfica, o distrito com maior representatividade foi atingido em Lisboa (72,2%), seguido de Setúbal (17,7%). Estiveram ainda representados os distritos de Aveiro (0,6%), Coimbra (1,3%), Leiria (1,9%), Porto (4,4%), Região Autónoma da Madeira (0,6%), Santarém (0,6%) e Viseu (0,6%).

Quanto ao estado civil, 112 são solteiros (77,2%). Verificaram-se também 13 casos em união de facto (8,2%), 20 casamentos (12,7%) e 3 divórcios (1,9%). Em termos de habilitações literárias, 16 indivíduos completaram o ensino básico (10,1%), 67 o ensino secundário (42,4%), 63 possuem licenciatura (39,9%), 9 mestrado (5,7%) e 3 doutoramento (1,9%).

No que se refere à situação ocupacional, 35 são estudantes (22,2%), 22 são trabalhadores/estudantes (13,9%), 79 encontram-se empregados (50%) e 22 estão desempregados (13,9%).

Relativamente ao contexto familiar nos primeiros 18 anos de vida, 100 cresceram sob cuidados de ambos os pais (63,3%), 41 apenas com a mãe ou com o pai (25,9%) e 17 com os avós (10,8%).

No que diz respeito ao envolvimento com o sistema judicial, 142 participantes referiram nunca ter estado envolvidos em conflitos com a lei (89,9%) enquanto 16 indicaram já ter tido contacto (10,1%).

Por fim, 130 participantes relataram não conhecer ninguém com antecedentes criminais (82,3%), enquanto os restantes 28 referiram conhecer alguém (familiar/amigo) com antecedentes criminais (17,7%).

Tabela 2

Dados Sociodemográficos dos participantes (N=158)

Dados sociodemográficos	N	%
Sexo		
Feminino	88	55,7
Masculino	70	44,3
Estado civil		
Solteiro	122	77,2
União de facto	13	8,2
Casado	30	1,9
Divorciado	3	1,9
Habilitações literárias		
Ensino básico	16	10,1
Ensino secundário	67	42,4
Ensino Superior	75	46,6

Situação atual		
Estudante	35	22,2
Trabalhador/estudante	22	13,9
Trabalhador	79	50,0
Desempregado	22	13,9

Nota. N= Número de participantes; %=Percentagem dos participantes

Instrumentos

A recolha de dados foi realizada com recurso a um questionário sociodemográfico e a três questionários para avaliar os construtos em estudo.

Questionário Sociodemográfico

Foi construído um questionário sociodemográfico (anexo 2) que permite a caracterização da amostra e a recolha de informação sobre algumas variáveis como o sexo, idade, escolaridade, registo criminal, principais cuidadores e entre outros.

Predictive Antisocial Spectrum Questionnaire

Este instrumento, traduzido e adaptado para a população portuguesa por Ramos, Castro e Basto-Pereira (2019), avalia os traços antissociais manifestados nos padrões de pensamento e do comportamento a partir dos 15 anos de idade. O questionário é composto por 24 itens, cujas respostas são registadas numa escala de *Likert* de 4 pontos, variando de 1 “Discordo totalmente” a 4 “Concordo totalmente” (anexo 3).

O questionário abrange duas dimensões que refletem os traços da Perturbação Antissocial da Personalidade: Desvalorização das Leis e das Normas e Confrontativo/Violento. A dimensão “Desvalorização das Leis e das Normas” avalia padrões de comportamento que se distinguem por uma procura de gratificação imediata ou por ações impulsivas que não consideram as potenciais consequências para o próprio ou terceiros “Se

tiver de correr riscos corro, mesmo que afete a minha segurança” e “Mesmo que saiba que estou a fazer algo de errado, às vezes avanço sem pensar”.

A dimensão “Confrontativo/Violento”, por sua vez, mede a ausência de consideração e respeito pelos outros, manifestando-se através da insensibilidade emocional, falta de remorsos e desprezo pelas necessidades e sentimentos alheios. Este padrão de comportamento é avaliado por itens como “Não sentir remorsos afeta a minha relação com os outros” e “As minhas mentiras já me fizeram perder amigos” (Moisés & Pereira, 2019). Segundo Moisés (2019), o instrumento demonstra propriedades psicométricas adequadas, com uma consistência interna de 0.76 para a escala global e 0.75 e 0.66 para as dimensões Desvalorização da Lei e Normas e comportamento Violento/Confrontativo, respetivamente.

Parental Authority Questionnaire (PAQ)

Este questionário pretende avaliar a perceção que os jovens têm do estilo parental experienciado ao longo das suas vidas. Este instrumento foi construído por John Buri em 1991, tendo sido posteriormente traduzido e adaptado para Portugal por Morgado, Maroco, Miguel, Machado e Dias (2006). É um instrumento constituído por 30 itens, organizados numa escala de *Likert* de cinco pontos, ou seja, 1 “Discordo totalmente” e 5 “Concordo totalmente”. O questionário avalia três dimensões: estilo autoritário (itens 2,3,7,9,12,16,18,25,26,29), estilo permissivo (itens 1,6,10,13,14,17,19,21,24,28) e estilo democrático (itens 4,5,8,11,15,20,22,23,27,30) (Buri, 1991).

A cotação do PAQ é calculada através da soma dos valores dos itens de cada subescala, podendo a pontuação variar entre 10 e 50. O estilo educativo parental é determinado pela subescala com a pontuação mais elevada. (anexo 4)

No que se refere à consistência interna, no estudo original os valores do alfa de *Cronbach* variam entre 0,74 e 0,87. Na população portuguesa, os resultados obtidos por Morgado (2006) variam entre 0,74 e 0,66.

Parental Bonding Instrument (PBI)

O PBI , construído por Parker, Tupling e Brown (1979) e adaptado por Ramos e Leal (2007) , tem como objetivo medir as percepções dos filhos em relação às atitudes e comportamentos das figuras parentais durante os primeiros dezasseis anos de vida. Aos participantes é pedido que respondam a 25 itens sobre cada cuidador (anexo 5).

A sua elaboração fundamenta-se na teoria da vinculação definida por Bowlby, centrando-se na avaliação de duas dimensões específicas – (a) *Caring* e (b) *Overprotection* – consideradas componentes essenciais para a formação de uma base segura. Essa base é imprescindível para o desenvolvimento fisiológico, evoluindo progressivamente para as esferas psicológica, afetiva e relacional do ser humano.

Os itens associados à dimensão *Caring / Rejection* visam avaliar manifestações de “afeto, calor emocional e proximidade” em contraste com itens que abordam aspetos de rejeição, tais como “frieza emocional, indiferença e negligência”. A dimensão de *Overprotection*, por sua vez, explora temas relacionados como o “ controlo, a hiper-proteção, intrusão, proximidade excessiva, infantilização e reforço dos comportamentos de dependência” em oposição com as atitudes e comportamentos que incentivam a independência e autonomia.

O estudo original apresentou consistência interna, medidos através do alfa de Cronbach, revelando uma validade de 0,88 para a dimensão “*Caring*” e de 0,74 para a dimensão “*Overprotection*”.

As respostas dos participantes aos itens distribuem-se por um contínuo de 4 pontos numa escala de *Likert* variando entre “Concordo totalmente” e “Discordo totalmente”. Os itens são pontuados em direções opostas, uma vez que as afirmações estão formuladas, quer de forma positiva, como de forma negativa.

Na dimensão “*Caring*”, as respostas aos itens 1, 5, 6, 11, 12 e 17 variam entre 0 e 3, sendo 3 “Concordo totalmente” e a pontuação 0 “Discordo totalmente”. Para os itens 2, 4, 14, 16, 18 e 24, o score é invertido, ou seja 3 equivale a “Discordo totalmente” e 0 a “Concordo totalmente”.

Para a dimensão “*Overprotection*” o sistema de pontuação é semelhante. Os itens 8, 9, 10, 13, 19, 20 e 23 são pontuados de 3 “Concordo totalmente” a 0 “Discordo totalmente” pontos. O score é invertido de 3 “Discordo totalmente” a 0 “Concordo totalmente” para os itens 3, 7, 15, 21, 22 e 25. A pontuação final nas subescalas do PBI é calculada pelo somatório dos itens das dimensões em ambas as escalas.

Procedimentos

Foram solicitadas autorizações para a utilização dos instrumentos, tendo sido obtida autorização formal para um deles. Os restantes foram utilizados com base em versão públicas validades em estudos anteriores.

A construção dos quatro questionários [Questionário Sociodemográfico, *Predictive Antisocial Spectrum Questionnaire*, *Parental Authority Questionnaire* e *Parental Bonding Instrument*] foi realizada na plataforma *Google Forms*, tendo a sua divulgação ocorrido exclusivamente de forma *online* em diferentes redes sociais. Antes de acederem aos questionários, os participantes foram informados, através de um consentimento informado, sobre os objetivos da investigação, a natureza voluntária da participação, a garantia de confidencialidade e o respeito pelo anonimato dos participantes, bem como o direito de desistência a qualquer momento sem prejuízo. Após aceitarem os termos, a plataforma avançava para os instrumentos já mencionados anteriormente.

Após esse período, os dados foram exportados para o Software *IBM SPSS*, versão 29.0.1.1, para posterior análise estatística.

Análise de Dados

Nesta secção apresenta-se o tratamento de dados e a análise estatística dos dados recolhidos com o objetivo de validar as hipóteses formuladas acerca da relação entre a vinculação, os estilos parentais e o comportamento antissocial. Todos os procedimentos foram realizados com o auxílio do Software *IBM SPSS* (versão 29.0.1.1), considerando um nível de significância de $p < 0.05$.

A consistência interna dos instrumentos foi analisada através do alfa de Cronbach (α). Valores de α superiores a 0,70 foram considerados indicativos de uma boa fiabilidade (Peterson, 1994).

Procedeu-se à análise descritiva dos dados sociodemográficos da amostra. Foram calculadas frequências absolutas e relativas, bem como médias, desvios-padrão, valores mínimos e máximos.

Antes de proceder às análises inferenciais, foi avaliada a distribuição normal das principais variáveis do estudo, de forma a verificar a adequação do uso de testes paramétricos ou não paramétricos. Para este fim, utilizou-se o teste de Kolmogorov-Smirnov devido a $N > 30$.

Para testar as hipóteses propostas, foram utilizados diferentes procedimentos estatísticos: Correlação de Spearman – utilizada para analisar a associação entre variáveis ordinais; Regressão Logística Ordinal – aplicada para verificar o contributo conjunto das variáveis independentes (estilos parentais e vinculação) na predição de níveis na variável dependente (comportamento antissocial); Regressão Logística Binária – utilizada para identificar preditores significativos na probabilidade de apresentar comportamento antissocial elevado e testes de comparação (Mann-Whitney U e Kruskal-Wallis).

Desta forma, a combinação das análises descritivas e inferenciais adotadas garantiu uma abordagem abrangente e consistente para avaliar as relações entre a vinculação, os estilos parentais e o comportamento antissocial.

Resultados

Antes de proceder às análises estatísticas, verificou-se a consistência interna dos instrumentos utilizados na amostra do presente estudo, através do alfa de Cronbach. No *Predictive Antisocial Spectrum Questionnaire*, a consistência interna global revelou-se elevada, com um valor de $\alpha=.897$, indicando uma boa fiabilidade para a amostra em estudo.

Quando analisadas separadamente, a primeira (Impulsividade/Irresponsabilidade) apresentou um valor de $\alpha=.893$, evidenciando uma fiabilidade bastante satisfatória, enquanto a segunda (Relações Interpessoais) obteve $\alpha=.792$, sendo um valor considerado adequado para fins de investigação.

Tabela 3

Consistência interna do PASQ

	Cronbach's Alpha	N of items
PASQ_total	.897	10
PASQ_Dimensão1	.893	4
PASQ_Dimensão2	.792	6

Relativamente ao *Parenting Authority Instrument*, verificou-se que a escala global revela um valor de $\alpha=.761$, sendo este um valor aceitável. Para cada subescala, a subescala do estilo autoritário apresentou um alfa de $\alpha=.933$, evidenciando excelente fiabilidade. A subescala do

estilo permissivo obteve um valor de $\alpha=.765$, considerado aceitável, enquanto a subescala do estilo democrático demonstrou uma consistência interna muito satisfatória de $\alpha=.885$.

Tabela 4

Consistência interna PAQ

	Cronbach's Alpha	N of items
PAQ_total	.761	30
PAQ_autoritário	.933	10
PAQ_democrático	.885	10
PAQ_permissivo	.765	10

Em relação ao *Parental Bonding Instrument*, a escala global (pai e mãe) apresentou um valor de $\alpha=.937$. Para a figura parental, a subescala *caring* obteve $\alpha=.962$ e a sua versão invertida apresentou $\alpha=.949$, ambos indicativos de excelente fiabilidade. A subescala *overprotective* apresentou $\alpha=.861$ e a invertida registou $\alpha=.932$. Para a figura materna, a subescala *caring* revelou um valor de $\alpha=.943$ e a versão invertida apresentou $\alpha=.929$. A subescala *overprotective* obteve $\alpha=.854$ e a invertida $\alpha=.926$, todos dentro de níveis considerados muito bons a excelentes.

Estes resultados confirmam a adequação psicométrica dos instrumentos para a amostra em estudo, permitindo a sua utilização fiável nas análises subsequentes.

Tabela 5*Consistência interna PBI*

	Cronbach's Alpha	N of items
PBI_total	.937	50
PBIP_Caring	.962	6
PBIP_Caring_Inv	.949	6
PBIP_Overprotective	.861	7
PBIP_Overprotective_Inv	.932	6
PBIM_Caring	.943	6
PBIM_Caring_Inv	.929	6
PBIM_Overprotective	.854	7
PBIM_Overprotective_Inv	.926	6

Nota. Inv= Invertido

A amostra do presente estudo foi constituída por 158 participantes. Relativamente ao comportamento antissocial, avaliado pelo *Predictive Antissocial Spectrum Questionnaire* (PASQ_total), os resultados evidenciaram valores compreendidos entre os 10 e 34 pontos, com uma média de 16,82 (DP=6,25). Na análise das suas dimensões específicas, a Dimensão 1 (Impulsividade/Irresponsabilidade) apresentou uma média de 6,70 (DP=2,72), variando entre 4 e 15 pontos, enquanto a Dimensão 2 (Relações interpessoais) revelou uma média de 10,12 (DP=3,75), com valores entre 6 e 19 pontos.

Tabela 6*Análise descritiva do PASQ*

	M	DP	Min-Máx
PASQ_total	15,82	6,25	10-34
PASQ_Dimensão1	6,70	2,72	4-15
PASQ_Dimensão2	10,12	3,75	6-19

Nota. M=Média; DP=Desvio Padrão; Min-Máx=Mínimo-Máximo

No que respeita aos estilos parentais, avaliado pelo *Parenting Authority Questionnaire* (PAQ_total), os *scores* totais oscilaram entre 30 e 120 pontos, apresentando uma média global de 89,75 (DP=11,63). Quando analisados separadamente, as dimensões revelaram valores semelhantes; o estilo autoritário apresentou uma média de 30,99 (DP=8,82; mínimo=10; máximo=50), o estilo democrático obteve uma média de 31,23 (DP=7,45; mínimo=10; máximo=49) e o estilo permissivo evidenciou uma média de 27,53 (DP=6,21; mínimo=10; máximo=45).

Tabela 7*Análise descritiva do PAQ*

	M	DP	Min-Máx
PAQ_total	89,75	11,63	30-120
PAQ_Autoritário	30,99	8,82	10-50
PAQ_Autoritativo	31,23	7,45	10-49
PAQ_Permisivo	27,53	6,21	10-45

Nota. M=Média; DP=Desvio Padrão; Min-Máx=Mínimo-Máximo

Relativamente à percepção de vinculação parental, avaliado pelo *Parental Bonding Instrument*, verificou-se que a subescala *Caring* para a figura paterna (PBIP_Caring) apresentou uma média de 19,70 (DP=12,09; mínimo=0; máximo=36), enquanto a subescala *Overprotection* (PBIP_Overp) obteve uma média de 10,75 (DP=8,94; mínimo=0; máximo=36). Para a figura materna, a subescala *Caring* (PBIM_Caring) revelou uma média mais elevada, situando-se nos 25,94 (DP=9,68; mínimo=0; máximo=36), enquanto a subescala *Overprotection* (PBIM_Overp) apresentou uma média de 14,12 (DP=8,79; mínimo=0; máximo=36).

Tabela 8

Análise descritiva do PBI

	M	DP	Min-Máx
PBIP_Caring	19,70	12,08	0-36
PBIP_Overp	10,75	8,94	0-36
PBIM_Caring	25,94	9.68	0-36
PBIM_Overp	14,12	8,79	0-36

Nota. M=Média; DP=Desvio Padrão; Min-Máx=Mínimo-Máximo

De forma geral, estes resultados sugerem níveis moderados de comportamento antissocial, uma percepção equilibrada entre os estilos parentais autoritário e democrático, bem como uma maior percepção de cuidado (*Caring*) associado à figura materna, em comparação com a paterna, sendo que a hiperprotecção (*Overprotection*) se apresentou, em média, em níveis relativamente mais baixos.

A normalidade dos dados foi verificada através do teste Kolmogorov-Smirnov. Os resultados indicaram que nenhuma das variáveis apresentou uma distribuição normal, uma

vez que todos os valores de p foram inferiores a 0,05. Especificamente, o comportamento antissocial apresentou ($p=.001$); os estilos parentais autoritário, democrático e permissivo apresentaram respetivamente ($p=.01$, $p=.001$ e $p=.002$). Por fim, as dimensões da vinculação para o pai e a mãe (normal e invertido) apresentaram respetivamente ($p=.002$ e $.001$) e ($p=.001$ e $.02$). Com estes resultados, optou-se pela utilização de testes estatísticos não paramétrico nas análises subsequentes.

Hipótese 1

A hipótese de que o comportamento antissocial se relaciona significativamente com a vinculação foi confirmada pelos resultados.

As correlações de Spearman indicaram que o estilo parental autoritário apresentou associação negativa fraca com o cuidado parental, tanto paterno ($r= -.204$, $p=.010$) quanto materno ($r= -.183$, $p=.021$). Isso significa, que à medida que aumentam as perceções de autoritarismo, tende a haver uma diminuição na manifestação do cuidado parental. Por outro lado, revelou uma associação positiva com a hiperproteção, sendo fraca para o pai ($r= .259$, $p=0,001$) e moderada para a mãe ($r= .407$, $p=.001$). Estes resultados sugerem que perceções parentais mais autoritárias estão ligadas a padrões de cuidado menos seguros, caracterizados por menor afeto e maior hiperproteção.

Já o estilo parental democrático apresentou correlação positiva forte com o cuidado paterno ($r= .550$, $p=.001$) e moderada com o materno ($r=.451$, $p=.001$). Além disso, apresentou, correlação fraca e significativa com a hiperproteção materna ($r= -.197$, $p=.013$) e negativa, porém não significativa, com o lado paterno ($r= -.137$, $p=.085$). Estes achados indicam que práticas democráticas estão mais associadas a um ambiente de cuidado equilibrado e menos ligadas à hiperproteção, sobretudo no contexto materno.

Por fim, o estilo permissivo não apresentou correlação significativa com o cuidado, seja paterno ($r = .064$, $p = .424$) ou materno ($r = -.090$, $p = .263$). Contudo, verificaram-se correlações negativas e significativas com a hiperproteção, sendo moderada para o pai ($r = -.307$, $p = .001$) e forte para a mãe ($r = -.564$, $p = .001$), indicando menor controlo parental percebido por parte dos participantes.

Tabela 9

Correlação de Spearman entre estilos parentais e a vinculação (N=158)

		PBIP_C	PBIP_O	PBIM_C	PBIM_O
PAQ_Autoritário	r	-.204	.259	-.183	.407
	p	.010	<.001	.021	<.001
PAQ_Democrático	r	.550	-.137	.451	-.197
	p	<.001	.085	<.001	.013
PAQ_Permisivo	r	.064	-.307	-.090	-.564
	p	.424	<.001	.263	<.001

Nota. C=Caring; O=Overprotective; N=Participantes

Hipótese 2

A hipótese de que o comportamento antissocial apresenta uma relação significativa com a vinculação foi parcialmente confirmada.

Os resultados mostraram que o comportamento antissocial correlacionou-se negativamente com as dimensões de cuidado parental, tanto paterno quanto materno.

Especificamente, observou-se uma correlação negativa moderada entre o comportamento antissocial e o cuidado paterno ($r = -.346$, $p = .001$), indicando que níveis mais elevados de comportamento antissocial estão associados a uma menor percepção de cuidado por parte do pai. De forma semelhante, verificou-se uma correlação negativa fraca significativa com o cuidado materno ($r = -.247$, $p = .002$), sugerindo que indivíduos com maior envolvimento em comportamentos antissociais percebem menos cuidado materno. No que diz respeito à hiperproteção parental, apenas a hiperproteção materna apresentou uma correlação negativa fraca, porém significativa, com o comportamento antissocial ($r = -.181$, $p = .023$), enquanto a hiperproteção paterna não revelou associação significativa ($r = -.092$, $p = .253$).

Estes resultados indicam que o comportamento antissocial está mais fortemente relacionado à percepção de menor cuidado parental, enquanto a hiperproteção parece ter um papel menos consistente nesta relação.

Tabela 10

Correlação de Spearman entre vinculação e comportamento antissocial (N=158)

		PBIP_C	PBIP_O	PBIM_C	PBIM_O
Comportamento	r	-.346	-.092	-.247	-.181
	p	<.001	.253	.002	.023

Nota. r= Coeficiente de Correlação; p=Nível de significância; C=Caring; O=Overprotective

Hipótese 3

A hipótese de que os estilos parentais têm uma relação significativa com o comportamento antissocial foi parcialmente corroborada. Verificou-se que o estilo parental permissivo apresentou uma correlação positiva fraca, mas significativa com o comportamento antissocial ($r = .204$, $p = .010$), indicando que níveis mais elevados de permissividade parental associam-se a maior propensão para comportamentos antissociais.

Por outro lado, o estilo parental democrático demonstrou uma correlação negativa fraca, porém significativa, com o comportamento antissocial ($r = -.230$, $p = .004$), sugerindo que uma prática educativa baseada em responsividade e exigência está associada a menor envolvimento em comportamentos antissociais. Já o estilo autoritário não apresentou uma correlação significativa com o comportamento antissocial ($r = .141$, $p = .077$), o que sugere que a rigidez e o controlo excessivo não se relacionam de forma consistente com tais comportamentos.

Tabela 11

Correlação de Spearman entre estilos parentais e comportamento antissocial (N=158)

		PAQ_Autoritário	PAQ_Democrático	PAQ_Permissivo
Comportamento Antissocial	r	.141	-.230	.204
	p	.077	.004	.010

Nota. r= Coeficiente de Correlação; p=Nível de significância

Hipótese 4

Para testar a hipótese de que o estilo parental permissivo estaria associado a níveis mais elevados de comportamento antissocial, enquanto o estilo democrático estaria associado

a níveis mais baixos, realizou-se uma regressão linear logística ordinal. Os limites indicam os pontos que separam os diferentes níveis do comportamento antissocial. O primeiro limiar, que separa o nível 1 do nível 2, foi significativo ($p=.001$), mostrando que essa divisão é clara no modelo. Já o segundo limiar, entre os níveis 2 e 3, não foi significativo ($p=.339$), indicando que essa separação é menos evidente.

Quanto ao efeito dos estilos parentais, observou-se que o estilo democrático tem um efeito negativo e significativo ($B= -2.645$, $p=.001$) em relação ao estilo permissivo, que foi usado como referência. Isso significa que indivíduos com estilo democrático têm menos chances de apresentar níveis altos de comportamento antissocial. O estilo permissivo foi definido como categoria de referência, motivo pelo qual o seu coeficiente é fixado é zero e não é apresentado na tabela. Tal definição não implica ausência de dados para essa categoria; apenas indica que o modelo avalia o efeito das outras categorias em relação a ela.

Tabela 12

Regressão logística ordinal entre os estilos parentais (permissivo e democrático) e comportamento antissocial

	Parâmetro	Estimativa	S.E	Wald	gl	Sig.
Limiar	Comportamento antissocial_1	-3.296	.615	28.753	1	<.001
	Comportamento antissocial_2	-.380	.451	.711	1	.339
Estilo parental	Democrático	-2.645	.613	18.623	1	<.001
	Permissivo	0 ^a	.	.	0	.

Nota. S.E= Erro-padrão; gl=graus de liberdade; Sig= p value

Hipótese 5

A análise de regressão logística indicou que os indivíduos que experienciaram estilos parentais disfuncionais apresentam uma probabilidade significativamente maior de manifestar

comportamentos antissociais. Os estilos parentais disfuncionais (autoritário e permissivo) e a vinculação insegura, mostraram uma associação estatisticamente significativa com o comportamento antissocial ($B = .989$, $p = .003$). O Odds Ratio [$\text{Exp}(B) = 2.689$] revela que estes indivíduos têm cerca de 2,7 vezes mais probabilidades de apresentar comportamentos antissociais.

Tabela 13

Regressão logística binária para predição do comportamento antissocial a partir dos estilos parentais disfuncionais e vinculação insegura

Variável	B	S.E	Wald	df	Sig.	Exp (B)
Estilo disfuncional	.989	.333	8,808	1	.003	2,689
Constante	-.715	.254	7.887	1	.005	.489

Nota. B= Coeficiente; S.E= Erro-padrão; df=grau de liberdade; Sig= p-value; Exp(B)=Odds Ratio

Hipótese 6

A regressão logística foi utilizada para analisar se a vinculação segura e o estilo parental democrático predizem a menor probabilidade de manifestação de comportamentos antissociais. Os resultados indicaram que a associação entre a variável proteção segura e o comportamento antissocial não foi estatisticamente significativa ($B = -.638$, $p = .190$). Apesar disso, o Odds Ratio [$\text{Exp}(B) = .528$] sugere que os indivíduos protegidos têm uma probabilidade aproximadamente 47% inferior de manifestar comportamentos antissociais. No entanto, esta diferença não atingiu o nível de significância estatística, pelo que não pode ser confirmada a existência de um efeito protetor com base nos dados analisados. Em suma, não foi possível concluir que a combinação de um estilo parental democrático e uma vinculação segura reduza significativamente o risco de comportamentos antissociais nesta amostra.

Tabela 14

Regressão logística binária para predição do comportamento antissocial a partir do estilo parental funcional e vinculação segura

Variável	B	S.E	Wald	df	Sig.	Exp (B)
Estilo funcional	-.638	.488	1.714	1	.190	.528
Constante	.405	.465	.789	1	.374	1.500

Nota. B= Coeficiente; S.E= Erro-padrão; df=grau de liberdade; Sig= p-value; Exp(B)=Odds Ratio

Hipótese 7 (dados sociodemográficos)

1. Sexo

A análise Mann-Whitney U foi realizada para comparar o comportamento antissocial entre indivíduos do sexo feminino e masculino. Os resultados revelaram uma diferença estatisticamente significativa entre sexos ($U=1393,5$, $p=.001$). O grupo masculino apresentou uma média de *ranks* superior (103,59) comparativamente ao grupo feminino (60,34), indicando que os homens manifestam níveis mais elevados de comportamento antissocial do que as mulheres.

Tabela 15

Teste do Mann-Whitney U para comparação do comportamento antissocial entre sexos

	Comportamento antissocial
Mann-Whitney U	1393.500
Wilcoxon W	5309.500
Z	-5.932
Sig.	<.001

Nota. Sig= p value

2. Cuidados nos primeiros 18 anos

A análise pelo teste de Kruskal-Wallis revelou diferenças estatisticamente significativas nos níveis de comportamento antissocial consoante com quem os indivíduos cresceram durante os primeiros 18 anos de vida [$H(2) = 6.686$, $p = .035$]. Observou-se que os participantes que cresceram com os avós apresentaram maior média de ranking no comportamento antissocial ($M = 104.44$), seguidos daqueles que cresceram com uma figura monoparental ($M = 74.08$). Estes resultados sugerem que crescer com ambos os pais pode estar associado a níveis mais baixos de comportamento antissocial.

Tabela 16

Distribuição dos postos médios do comportamento antissocial em função da figura parental com quem os participantes cresceram

	Cuidados_18anos	N	Mean Rank
Comportamento antissocial	Ambos os pais	100	74.08
	Mãe/Pai	41	82.39
	Avós	17	104.44
	N	158	

Nota. N= Número dos participantes correspondentes

Tabela 17

Teste de Kruskal-Wallis para o comportamento antissocial em função da figura parental com quem os participantes cresceram

	Comportamento antissocial
Kruskal-Wallis H	6.686
df	2
Sig.	.035

Nota. df= graus de liberdade; Sig= p value

3. Contacto com a lei

A análise pelo teste de Mann-Whitney U revelou diferenças estatisticamente significativas nos níveis de comportamento antissocial entre os indivíduos que tiveram contacto com a lei e os que não tiveram ($U= 230.500$, $p=.001$). Este resultado indica que os indivíduos que tiveram conflitos com a lei apresentaram níveis significativamente mais elevados de comportamento antissocial, quando comparados aos que não tiveram qualquer conflito.

Tabela 18

Teste de Mann-Whitney U para o conflito com a lei e o comportamento antissocial

	Conflito com a lei
Mann-Whitney U	230.500
Wilcoxon W	10383.500
Z	-5.245
Sig.	<.001

Nota. Sig= p value

4. Contacto próximo com o sistema judicial por meio de um familiar/amigo

Foi realizado um teste de Mann-Whitney U para comparar os níveis de comportamento antissocial entre participantes que declararam conhecer um familiar/amigo com problemas com a justiça e aqueles que não conhecem. Verificou-se uma diferença significativa ($U=1126.000$, $p=.001$) indicando que o grupo com contacto com a justiça por parte de um familiar/amigo apresenta níveis mais elevados de comportamentos antissociais.

Tabela 19

Teste de Mann-Whitney U sobre o conhecimento por um familiar/amigo com a justiça e o comportamento antissocial

	Conhecimento por um familiar/amigo
Mann-Whitney U	1126.000
Wilcoxon W	9641.000
Z	-3.176
Sig.	.001

Nota. Sig= p value

Discussão

O presente estudo teve como objetivo investigar a relação entre a vinculação, os estilos parentais e o comportamento antissocial em adultos dos 18 até aos 35 anos.

Os resultados obtidos confirmam parcialmente as hipóteses inicialmente formuladas e corroboram achados prévios na literatura sobre o impacto dos estilos parentais no desenvolvimento. De forma consistente com o modelo dos estilos parentais, verificou-se que o estilo parental democrático, caracterizado por elevada responsividade e exigência equilibrada, associou-se a maiores níveis de cuidado parental e a uma menor propensão para comportamentos antissociais, enquanto práticas permissivas apresentaram resultados mais inconsistentes: não mostrou correlação significativa com o cuidado parental, mas relacionou-se negativamente com a hiperproteção e apresentou apenas uma associação fraca com o comportamento antissocial.

Na hipótese 1, os resultados mostraram que o estilo autoritário apresentou uma associação negativa com o cuidado parental (paterno e materno) e uma associação positiva com a hiperproteção, o que está em consonância com o modelo clássico de estilos parentais proposto por Baumrind (1966) e com estudos recentes que destacam que práticas punitivas tendem a gerar ambientes familiares menos afetivos e mais controladores (Scott & Doolan, 2012). Por outro lado, o estilo democrático apresentou correlações positivas com o cuidado parental e negativas com a hiperproteção, confirmando em geral, a sua natureza equilibrada e protetora (Moreira, 2023), embora a relação com a hiperproteção paterna não tenha sido estatisticamente significativa. Um possível motivo para a ausência de correlação significativa entre o estilo democrático e a hiperproteção paterna está relacionado com a diferença dos papéis parentais. Estudos indicam que pais e mães desempenham funções distintas na criação dos filhos, sendo as mães frequentemente mais envolvidas nas práticas de cuidado e proteção (Yaffe, 2020). Os pais podem ser menos sensíveis ou autocríticos em relação a

comportamentos hiperprotetores dependendo do sexo e do tipo de vinculação (Wertz et al., 2016; Yaffe, 2020,).

Já o permissivo, não apresentou correlação significativa com o cuidado parental, o que pode ser explicado pelo facto desse estilo ser caracterizado por altos níveis de afeto, mas baixos níveis de controlo e estrutura. Embora seja um estilo que transmite ambiente caloroso, não transmite necessariamente segurança ou consistência, o que pode dificultar a perceção de cuidado estruturado (Amran & Basri, 2020).

Na hipótese 2, foi observada uma correlação negativa significativa entre o comportamento antissocial e o cuidado parental (paterno e materno), o que confirma a literatura que associa vínculos afetivos frágeis à maior probabilidade de condutas prejudiciais (Malondra et al., 2019). A hiperproteção materna revelou uma associação fraca, mas significativa, enquanto a paterna não mostrou qualquer relação relevante. Tal resultado sugere que a falta de afeto parental exerce um efeito mais significativo do que o controlo excessivo na manifestação do comportamento antissocial, o que corrobora evidências de que a supervisão rígida desacompanhada de suporte emocional, tende a ser menos eficaz na prevenção (Caridade et al., 2019).

Dando continuidade à análise, os dados relativos à hipótese 3 revelaram que o estilo permissivo mostrou correlação positiva com comportamentos antissociais, ainda que fraca, sugerindo que a ausência de limites pode favorecer dificuldades de autorregulação e maior risco de condutas desviantes (Ruguru, 2020). Já o democrático apresentou uma relação inversa, corroborando estudos que o consideram o estilo mais protetivo, equilibrando exigência e responsividade (Baumrind, 1966; Kuppens & Ceulemans, 2018; Malondra et al., 2019). O estilo autoritário não se associou significativamente, o que está de acordo com a literatura que reporta efeitos ambivalentes deste estilo parental. Este pode prevenir alguns

comportamentos devido ao medo perante os pais ou de figuras autoritárias (Kasmi et al., 2024).

Na hipótese 4, o modelo estatístico indicou que o estilo democrático reduz significativamente a chance de níveis altos de comportamento antissocial em comparação com o estilo permissivo, confirmando o seu papel protetor contra comportamentos disfuncionais (Georgiou & Charalampous, 2023). A presença equilibrada de responsividade e exigência permite ao indivíduo desenvolver competências de autorregulação, interiorização de normas e empatia, fatores cruciais na prevenção de condutas desviantes (Kuppens & Ceulemans, 2018). Por contraste, o estilo permissivo, pode comprometer o desenvolvimento de limites e a capacidade de lidar com frustrações (Kuppens & Ceulemans, 2018).

No seguimento da análise, nas hipóteses 5 e 6, os resultados evidenciaram que estilos disfuncionais mais a vinculação insegura aumentam em cerca de 2,7 vezes a probabilidade de condutas antissociais, o que confirma o efeito cumulativo do ambiente familiar adverso (Jacob, 2022). Quando múltiplos fatores de risco coexistem, como por exemplo, o contexto socioeconómico ou experiências de trauma precoce, o impacto é potencializado, comprometendo as competências sociais e a autorregulação emocional, aumentando assim o risco (Farrington, 2005; Jacob, 2022). Ainda que se tenha observado uma tendência no sentido protetor da vinculação segura e do estilo democrático, os resultados não atingiram significância estatística, possivelmente devido a limitações amostrais ou a outros fatores contextuais (pares, estatuto socioeconómico) (Malonda et al., 2019; Martin, 2024).

Por fim, na hipótese 7, os resultados confirmaram diferenças significativas associadas ao sexo, à estrutura familiar e ao contacto direto ou indireto com a justiça. Observou-se que os homens apresentaram níveis mais elevados de comportamentos antissociais, em consonância com a teoria da aprendizagem social de Bandura (1977) e com estudos que apontam sobre a maior predominância masculina em condutas externalizantes (Brislin et al.,

2022). De acordo com esta perspectiva, os comportamentos são adquiridos não apenas pela experiência direta, mas também através da observação e imitação de modelos significativos. A socialização masculina, frequentemente orientada para a assertividade, competitividade e até agressividade, pode contribuir para legitimação de comportamentos desviantes quando não acompanhada por mecanismos adequados de autorregulação (Brislin et al., 2022).

Participantes que cresceram com os avós ou em contextos monoparentais apresentaram níveis mais elevados de comportamento antissocial (Michel et al., 2025), o que corrobora estudos que destacam a importância da presença de múltiplas figuras de cuidado consistentes e estáveis durante o desenvolvimento (Michel et al., 2025). A ausência ou fragilidade da rede familiar pode comprometer o suporte emocional e a supervisão, que são fatores essenciais para a internalização de normas sociais e do controle (Kiran et al., 2018; Martin, 2024).

Além disso, tanto o contacto direto com a justiça quanto o conhecimento de familiares/amigos envolvidos com o sistema judicial aumentaram significativamente a probabilidade de comportamentos desviantes. Esses fatores funcionam como potenciais amplificadores de risco, na medida em que o convívio próximo com a criminalidade pode facilitar a aprendizagem e a normalização de práticas antissociais (Farrington, 2005; Ruguru, 2020).

Limitações e sugestões futuras

Apesar da relevância dos resultados, este estudo apresenta algumas limitações. Em primeiro lugar, trata-se de natureza transversal e é baseado no autorrelato, o que significa que os dados dependem das lembranças e interpretações subjetivas dos participantes acerca das experiências vivenciadas, o que pode introduzir enviesamentos relacionados à desejabilidade social ou memória seletiva. Além disso, não foram incluídas variáveis contextuais relevantes

como o estatuto socioeconómico, experiências traumáticas ou a influência dos pares, que são fatores amplamente associados à manifestação de comportamentos antissociais (Farrington, 2005; Gomide & Dallaqua, 2024). A ausência destes elementos impede uma compreensão mais holística das interações entre os estilos parentais e outros fatores de risco.

Outra limitação refere-se à generalização cultural, uma vez que os significados atribuídos aos estilos parentais, especialmente ao autoritário, podem variar conforme o contexto sociocultural (Ruguru, 2020). A inclusão de participantes de diferentes etnias poderia permitir uma compreensão mais ampla das percepções sobre o cuidado e a hiperproteção parental.

Por último, o *Parental Authority Instrument* não contempla a avaliação do estilo parental negligente, razão pela qual este não pôde ser incluído nas análises. Esta limitação restringe a compreensão completa do impacto de todos os estilos parentais, uma vez que a negligência parental é amplamente reconhecida como um dos principais fatores de risco para o desajustamento comportamental (Tapia et al., 2018).

Conclusão

Os dados obtidos neste estudo evidenciam que os estilos parentais exercem um papel determinante na formação dos padrões de vinculação e no desenvolvimento de comportamentos antissociais. Observou-se que o estilo parental democrático, caracterizado por afeto e exigência equilibrada, está associado a menores níveis de comportamento antissocial. Em contraste, as práticas parentais permissivas, associadas por baixa supervisão e controlo, tendem a favorecer trajetórias mais desajustadas. Além disso, a percepção de menor cuidado parental, mostrou-se um fator de risco para a manifestação de condutas antissociais, reforçando a relevância do vínculo afetivo e do suporte familiar no desenvolvimento socioemocional.

A investigação também revelou nuances importantes. O comportamento antissocial teve associações significativas com outros fatores individuais e contextuais, como o sexo e o histórico de envolvimento com a justiça.

Em síntese, os resultados reforçam a importância das práticas parentais responsivas e equilibradas para a promoção de um desenvolvimento socioemocional saudável e para a prevenção de trajetórias de risco. Investir em programas de apoio à parentalidade e políticas de intervenção pode ser um caminho eficaz para reduzir comportamentos antissociais e promover relações familiares mais seguras e protetoras.

No âmbito das intervenções psicológicas, a terapia cognitivo-comportamental (TCC) tem demonstrado eficácia na modificação de pensamentos disfuncionais, na melhoria da regulação emocional e na diminuição de comportamentos hostis (Van der Sluys et al., 2024; De Wit-De Visser, et al., 2023). Paralelamente, atividades comunitárias – em particular a prática de desporto – contribuem para o desenvolvimento do autocontrolo, da regulação emocional, do autoconceito e do sentimento de pertença social (Van der Sluys et al., 2024).

Nos casos em que o comportamento antissocial está associado a experiências traumáticas precoces, o *Eye Movement Desensitisation and Reprocessing* (EMDR) pode ser especialmente eficaz, facilitando o reprocessamento adaptativo de memórias disfuncionais e promovendo a redução da impulsividade, da hipervigilância e da reatividade emocional frequentemente associadas à agressividade (De Wit-De Visser, et al., 2023).

Outra abordagem com crescente relevância é a *Mentalization Based Treatment* (MBT), que potencia a capacidade de compreender e interpretar tanto os próprios estados mentais como os de terceiros, favorecendo uma regulação emocional mais eficaz, o desenvolvimento da empatia e uma melhor adaptação social. A literatura aponta benefícios desta abordagem na redução de comportamentos impulsivos e agressivos, especialmente em indivíduos com

perturbações de personalidade ou histórias de vinculação disfuncionais (de Wit-De Visser, et al., 2023).

Por fim, importa salientar, que o envolvimento ativo dos pais desde as fases iniciais do desenvolvimento é fundamental para a prevenção e redução dos comportamentos antissociais. Programas de treino parental, como o *Triple P- Positive Parenting Program*, têm demonstrado eficácia no fortalecimento de práticas educativas positivas, promovendo o vínculo afetivo, a consistência disciplinar e a capacidade de gestão emocional por parte dos cuidadores. Intervenções baseadas na vinculação contribuem igualmente para aumentar a sensibilidade parental às necessidades da criança, prevenindo padrões de negligência (Quingostas, 2011).

Deste modo, a articulação entre intervenções familiares, psicológicas e comunitárias constitui uma estratégia promissora para enfrentar os desafios colocados pelos comportamentos antissociais, favorecendo trajetórias de vida mais adaptativas e uma integração social mais saudável.

Referências bibliográficas

- Ackermann, K., Kirchner, M., Bernhard, A., Martinelli, A., Anomitri, C., Baker, R., Baumann, S., Dochnal, R., Fernandez-Rivas, A., Gonzalez-Madruga, K., Herpertz-Dahlmann, B., Hervas, A., Jansen, L., Kapornai, K., Kersten, L., Kohls, G., Limprecht, R., Lazaratou, H., McLaughlin, A., ... Freitag, C. M. (2019). Relational Aggression in Adolescents with Conduct Disorder: Sex Differences and Behavioral Correlates. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 47(10), 1625–1637. <https://doi.org/10.1007/s10802-019-00541-6>
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. N. (2015). Patterns of Attachment. *Psychology Press*. <https://doi.org/10.4324/9780203758045>
- Ainsworth, M. S. (1979). Infant–mother attachment. *American Psychologist*, 34(10), 932. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.34.10.932>
- Ainsworth, M. S., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46(4), 333–341. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.46.4.333>
- Allen, J. J., & Anderson, C. A. (2017). Aggression and Violence: Definitions and Distinctions. In *The Wiley Handbook of Violence and Aggression* (pp. 1–14). Wiley. <https://doi.org/10.1002/9781119057574.whbva001>
- Allen, J. J., Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2018). The General Aggression Model. *Current Opinion in Psychology*, 19, 75–80. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.03.034>

- Amran, M. S., & Basri, N. A. (2020). Investigating the Relationship between Parenting Styles and Juvenile Delinquent Behaviour. *Universal Journal of Educational Research*, 8(11A), 25–32. <https://doi.org/10.13189/ujer.2020.082104>
- Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2002). Human Aggression. *Annual Review of Psychology*, 53(1), 27–51. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.53.100901.135231>
- Awiszus, A., Koenig, M., & Vaisarova, J. (2022). Parenting Styles and Their Effect on Child Development and Outcome. *Journal of Student Research*, 11(3). <https://doi.org/10.47611/jsrhs.v11i3.3679>
- Basto-Pereira, M., & Farrington, D. P. (2022). Developmental predictors of offending and persistence in crime: A systematic review of meta-analyses. *Aggression and Violent Behavior*, 65, 101761. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2022.101761>
- Baumrind, D. (1991). The Influence of Parenting Style on Adolescent Competence and Substance Use. *The Journal of Early Adolescence*, 11(1), 56–95. <https://doi.org/10.1177/0272431691111004>
- Black, D. W. (2015). The Natural History of Antisocial Personality Disorder. *The Canadian Journal of Psychiatry*, 60(7), 309–314. <https://doi.org/10.1177/070674371506000703>
- Blazei, R. W., Iacono, W. G., & Krueger, R. F. (2006). Intergenerational transmission of antisocial behavior: How do kids become antisocial adults? *Applied and Preventive Psychology*, 11(4), 230–253. <https://doi.org/10.1016/j.appsy.2006.07.001>

- Bobbio, A., Arbach, K. and Illescas, S.R. (2020). Juvenile delinquency risk factors: individual, social, opportunity or all of these together?. *International Journal of Law, Crime and Justice*, 62, 100388. <https://doi.org/10.1016/j.ijlcrj.2020.100388>
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss. Volume I, Attachment*.
- Brazil, I. A., van Dongen, J. D. M., Maes, J. H. R., Mars, R. B., & Baskin-Sommers, A. R. (2018). Classification and treatment of antisocial individuals: From behavior to biocognition. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, 91, 259–277. <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2016.10.010>
- Brislin, S. J., Weigard, A. S., Hardee, J. E., Cope, L. M., Martz, M. E., Zucker, R. A., & Heitzeg, M. M. (2022). Sex Moderates Reward- and Loss-Related Neural Correlates of Triarchic-Model Traits and Antisocial Behavior. *Clinical Psychological Science*, 10(4), 700–713. <https://doi.org/10.1177/21677026211054780>
- Buri, J. R. (1991). Parental Authority Questionnaire. *Journal of Personality Assessment*, 57(1), 110–119. https://doi.org/10.1207/s15327752jpa5701_13
- Burt, S. A., Slawinski, B. L., & Klump, K. L. (2018). Are there sex differences in the etiology of youth antisocial behavior? *Journal of Abnormal Psychology*, 127(1), 66–78. <https://doi.org/10.1037/abn0000324>

- Cardoso, J., & Veríssimo, M. (2014). Estilos parentais e relações de vinculação. *Análise Psicológica*, 31(4), 393–406. <https://doi.org/10.14417/ap.807>
- Caridade, S. M., Martins, A., & Nunes, L. (2019). Estilo de vida dos adolescentes e jovens adultos e comportamentos desviantes e delinquentes: Das vivências familiares, escolares e individuais. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*, 5(1), 40–60. <https://doi.org/10.31211/rpics.2019.5.1.106>
- de Wit-De Visser, B., Rijckmans, M., Vermunt, J. K., & van Dam, A. (2023). Pathways to antisocial behavior: a framework to improve diagnostics and tailor therapeutic interventions. *Frontiers in Psychology*, 14. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.993090>
- Farrington, D. (2005). Childhood origins of antisocial behavior. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, 12(3), 177–190. <https://doi.org/10.1002/cpp.448>
- Farrington, D. P., Gaffney, H., & White, H. (2022). Effectiveness of 12 Types of Interventions in Reducing Juvenile Offending and Antisocial Behaviour. *Canadian Journal of Criminology and Criminal Justice*, 64(4), 47–68. <https://doi.org/10.3138/cjccj.2022-0022>
- Georgiou, S., & Charalampous, K. (2024). Parental styles and adolescent externalizing problems: A cross-lagged model examining the direction of influence. *Psychology in the Schools*, 61(1), 190–204. <https://doi.org/10.1002/pits.23046>

Gomes, H., & Gouveia-Pereira, M. (2014). Funcionamento familiar e delinquência juvenil: A mediação do autocontrolo. *Análise Psicológica*, 32(4), 439–451.

<https://doi.org/10.14417/ap.958>

Gomide, P., & Dallaqua, M. (2024). Family criminal history and risk factors in convicts and university students. *Interamerican Journal of Forensic Psychology*, 1(1), 78–89.

<https://doi.org/10.35168/2966-3466.UTP.ijfp.Y.Vol1.N1.pp78-89>

Gubbels, J., Assink, M., & van der Put, C. (2024). Protective Factors for Antisocial Behavior in Youth: What is the Meta-Analytic Evidence? *Journal of Youth and Adolescence*,

53(2), 233–257. <https://doi.org/10.1007/s10964-023-01878-4>

Hashmani, T., & Jonason, P. K. (2017). Antisocial Behavior. In *Encyclopedia of Evolutionary Psychological Science* (pp. 1–6). Springer International Publishing.

https://doi.org/10.1007/978-3-319-16999-6_163-1

Human-Hendricks, A., & Roman, N. (2014). What is the link between antisocial behavior of adolescents and parenting: Asystematic review of parental practices to manage antisocial behavior. *Journal of Communications Research*, 6(4), 439-464.

Jacob, C. (2022). Regulação emocional em adultos expostos a experiências adversas precoces: Do modelo cumulativo ao modelo dimensional [Dissertação de mestrado, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório Iscte.

<http://hdl.handle.net/10071/26649>

- Kiran, U., Farooqi, M., & Ahmed, S. (2019). Parenting style and anti-social behavior: An exploratory study of secondary school students. *European Online Journal of Natural and Social Sciences*, 8(2), pp-294.
- Kuppens, S., & Ceulemans, E. (2019). Parenting Styles: A Closer Look at a Well-Known Concept. *Journal of Child and Family Studies*, 28(1), 168–181.
<https://doi.org/10.1007/s10826-018-1242-x>
- Malonda, E., Llorca, A., Mesurado, B., Samper, P., & Mestre, M. V. (2019). Parents or Peers? Predictors of Prosocial Behavior and Aggression: A Longitudinal Study. *Frontiers in Psychology*, 10. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.02379>
- Martin, P. (2024). Family Structure and Parenting Styles on Adult Crime (Master's thesis, The University of North Carolina at Charlotte).
- Martins-Silva, T., Bauer, A., Matijasevich, A., Munhoz, T., Barros, A., Santos, I., Tovo-Rodrigues, L., & Murray, J. (2024). Early risk factors for conduct problem trajectories from childhood to adolescence: the 2004 Pelotas (BRAZIL) Birth Cohort. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 33(3), 881–895. <https://doi.org/10.1007/s00787-023-02178-9>
- Michel, K. O., Anika, A. A., Lambert, E., Level, R. T., & Islam, M. S. (2025). Relationship between Antisocial Behavior and Parenting Style: A Case Study of Some Sampled Secondary Schools in Kisii County in Kenya. *European Journal of Applied Sciences*, 13(02), 84–100. <https://doi.org/10.14738/aivp.1302.18354>

- Moffitt, T. E. (2018). Male antisocial behaviour in adolescence and beyond. *Nature Human Behaviour*, 2(3), 177–186. <https://doi.org/10.1038/s41562-018-0309-4>
- Moisés, C. (2020). Construção E Estudo Exploratório Das Propriedades Psicométricas De Um Instrumento Breve Para Avaliar O Espetro Antissocial: Antisocial Spectrum. (Dissertação de Mestrado, ISPA – Instituto Superior de Psicologia Aplicada). Repositório ISPA.
- Moreira, A. (2023). Um olhar sobre a influência das relações familiares na delinquência juvenil: A perceção dos jovens (Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto). Repositório Universidade do Porto.
- Pellerone, M., Iacolino, C., Mannino, G., Formica, I., & Zabbara, S. (2017). The influence of parenting on maladaptive cognitive schema: a cross-sectional research on a group of adults. *Psychology Research and Behavior Management*, Volume 10, 47–58. <https://doi.org/10.2147/PRBM.S117371>
- Peterson, R. (1994). A Meta-Analysis of Cronbach's Coefficient Alpha. *Journal of Consumer Research*, 21(2), 381–391.
- Pollard, C., Bucci, S., & Berry, K. (2023). A systematic review of measures of adult disorganized attachment. *British Journal of Clinical Psychology*, 62(2), 329-355. <https://doi.org/10.1111/bjc.12411>
- Quingostas, A. (2011). Um programa da educação/treino parental: parentalidade positiva: pais atentos, pais presentes. [Dissertação de mestrado, ISCSP - Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas]. Repositório ULisboa. <http://hdl.handle.net/10400.5/3690>

- Ramos, V. (2007). Estudo preliminar do Parental Bonding Instrument: Adaptação de um instrumento de medida. [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Psicologia Aplicada]. Repositório do ISPA.
- Romer, D., Reyna, V., & Satterthwaite, T. (2017). Beyond stereotypes of adolescent risk taking: Placing the adolescent brain in developmental context. *Developmental Cognitive Neuroscience*, 27, 19–34. <https://doi.org/10.1016/j.dcn.2017.07.007>
- Kasmi, S., Roy, S., Mahanta, D., Kumar Gupt, D., Rathore, S., & Gupta, S. (2024). Substance Use Disorder, Parenting Styles and Interpersonal Competency: A Review. *Journal of Educational and Social Research*, 14(1), 183. <https://doi.org/10.36941/jesr-2024-0015>
- Ruguru. R. (2020). The Relationship Between Parenting Styles and Adolescents Antisocial Behaviour in Secondary Schools in Embakasi East, Nairobi County (Doctoral dissertation, University of Nairobi).
- Santos, I., Mariano, T., & Pimentel, C. (2023). O Modelo Geral da Agressão: Contribuições teórico-práticas e aplicações ao contexto brasileiro.
- Salavera, C., Usán, P., & Quilez-Robres, A. (2022). Exploring the Effect of Parental Styles on Social Skills: The Mediating Role of Affects. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(6), 3295. <https://doi.org/10.3390/ijerph19063295>
- Schorr, M. T., Tietbohl-Santos, B., de Oliveira, L. M., Terra, L., de Borba Telles, L. E., & Hauck, S. (2020). Association between different types of childhood trauma and

- parental bonding with antisocial traits in adulthood: A systematic review. *Child Abuse & Neglect*, 107, 104621. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2020.104621>
- Smaragdi, A., Blackman, A., Donato, A., Walsh, M., & Augimeri, L. (2020). Sex Differences in the Classification of Conduct Problems: Implications for Treatment. *Journal of Developmental and Life-Course Criminology*, 6(3), 280–295. <https://doi.org/10.1007/s40865-020-00149-1>
- Spruit, A., Goos, L., Weenink, N., Rodenburg, R., Niemeyer, H., Stams, G. J., & Colonnese, C. (2020). The Relation Between Attachment and Depression in Children and Adolescents: A Multilevel Meta-Analysis. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 23(1), 54–69. <https://doi.org/10.1007/s10567-019-00299-9>
- Tapia, M., Alarid, L., & Clare, C. (2018). Parenting styles and juvenile delinquency: Exploring gendered relationships. *Juvenile and Family Court Journal*, 69(2), 21–36. <https://doi.org/10.1111/jfcj.12110>
- Van der Sluis, M., Zijlmans, J., Ket, J., Marhe, R., Popma, A., Scherder, E., & van der Laan, P. (2024). The efficacy of physical activity interventions in reducing antisocial behavior: a meta-analytic review. *Journal of Experimental Criminology*, 20(2), 347–373. <https://doi.org/10.1007/s11292-022-09536-8>
- Wertz, J., Nottingham, K., Agnew-Blais, J., Matthews, T., Pariente, C., Moffitt, T., & Arseneault, L. (2016). Parental monitoring and knowledge: Testing bidirectional associations with youths' antisocial behavior. *Development and Psychopathology*, 28(3), 623–638. <https://doi.org/10.1017/S0954579416000213>

Yaffe, Y. (2023). Systematic review of the differences between mothers and fathers in parenting styles and practices. *Current Psychology*, 42(19), 16011–16024.
<https://doi.org/10.1007/s12144-020-01014-6>

Yanuari, A., Soetikno, N., & Sahrani, R. (2021). Criminality and antisocial behavior in young adults. *Atlantis Press*, 153–158. [10.2991/ahsr.k.211130.026](https://doi.org/10.2991/ahsr.k.211130.026)

ANEXOS

Anexo A- Declaração de Consentimento Informado

A presente investigação está integrada num projeto de compreensão acerca da “A relação entre vinculação, estilos parentais e comportamento antissocial”, no âmbito do 2ºano do Mestrado em Psicologia Clínica na Universidade Lusíada de Lisboa, sob a orientação da Professora Doutora Rita Antunes.

Para a realização deste estudo, solicita-se a melhor colaboração de indivíduos com idades compreendidas entre os 18 anos e os 35 anos.

O preenchimento dos 4 questionários será através da plataforma *Google Forms*. O preenchimento dos questionários tem uma duração de 10 minutos.

A sua participação é voluntária não tendo qualquer custo e/ou risco associados. O anonimato das respostas será assegurado, ao longo de todo o processo de recolha e análise de dados. Os dados recolhidos serão utilizados estritamente para fins académicos. É livre de abandonar a participação neste estudo, sem ter de dar qualquer justificação.

Caso tenha alguma questão adicional estarei disponível para esclarecer via e-mail: deni.barbosa2001@gmail.com

Muito obrigada pela sua colaboração.

Declaro a minha participação de livre vontade no estudo realizado pela estudante Denise Barbosa. Compreendi todos os procedimentos relativos à minha participação neste estudo.

☐ Sim

Anexo B - Questionário Sociodemográfico

1. Idade: _____
2. Sexo: Feminino: _____ Masculino: _____
3. Nacionalidade: Portuguesa: _____ Outro: _____
4. Distrito onde vive: Lisboa: _____ Setúbal _____ Outro: _____
5. Estado civil: Solteiro/a _____ União de facto _____ Casado/a _____ Divorciado/a _____
Viúvo/a _____
6. Nível de escolaridade concluído: Ensino básico _____ Ensino Secundário _____
Licenciatura _____ Mestrado _____ Outro _____
7. Situação atual: Estudante _____ Trabalhador(a)/estudante _____ Trabalhador(a) _____
Desempregado(a) _____
8. Durante os primeiros 18 anos de vida esteve ao cuidado de quem?
Ambos os pais _____
Pai _____
Mãe _____
Avós _____
Outro _____
9. Já esteve envolvido(a) em algum tipo de conflito com a lei? Sim _____ Não _____
10. Já teve contacto próximo com o sistema prisional por meio de um familiar/amigo?
Sim, atualmente tenho um familiar/amigo preso
Sim, no passado tive um familiar/amigo preso

Anexo C – Questionário AS Spectrum

Este questionário pretende perceber como pensa e comporta habitualmente. Indique com um (X) até que ponto concorda que as seguintes afirmações.

	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
1. Não cumprir a lei é um problema apenas se fores apanhado.				
2. Por vezes mentir pode ser a melhor forma de resolver o problema.				
3. Quando os outros me irritam por vezes tenho de ser agressivo ou partir coisas.				
4. Não faz mal correr alguns riscos se isso for divertido ou se for possível tirar partido disso.				
5. Devemos fazer sempre o que nos apetece, mesmo que isso nos venha a trazer problemas.				
6. Pessoas fortes não sentem remorsos dos seus comportamentos.				
7. Tenho pouca admiração por pessoas que sentem necessidade de cumprir as regras todas.				
8. É tão fácil mentir como dizer a verdade.				
9. Já me meti em problemas por andar envolvido em lutas.				
10. Mesmo que eu seja o culpada, pouco me interessa o que acontece aos outros.				
11. Pouco me importa se cumprio ou não os meus compromissos.				
12. Raramente ou nunca sinto remorsos pelo que fiz aos outros.				
13. Não cumprir a lei já me trouxe chatices.				
14. As minhas mentiras já me fizeram perder amigos.				
15. Não me incomoda confrontar outra pessoa, mesmo que para isso tenha que ser agressivo ou tenha que lhe partir alguma coisa.				
16. Já arranjei problemas por ter colocado em risco a minha segurança ou a de outros.				
17. Já me meti em problemas por não cumprir as minhas obrigações (horários, dívidas, etc.).				
18. Não sentir remorsos afeta a minha relação com os outros.				
19. Mesmo que saiba que estou a fazer algo errado, às vezes avanço sem pensar.				
20. Por vezes sem me aperceber já estou a mentir.				
21. Quando perco a cabeça “levo tudo à frente”.				
22. Se tiver de correr riscos corro, mesmo que afete a minha segurança.				
23. As minhas relações pessoais já foram afetadas por não cumprir os meus compromissos,				
24. Não me sinto mal quando ajo impulsivamente e prejudico outras pessoas com os meus atos.				

Anexo D - Questionário PAQ

Este questionário pretende compreender o estilo parental que experienciou durante vários anos na sua vida. Assinale com um (X) na opção que concorda mais.

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
1. Os meus pais pensam que numa casa “bem orientada”, tanto os filhos como os pais devem ter a oportunidade de fazer as coisas à sua maneira					
2. Mesmo que não concorde com os meus pais dizem, eles acham que eu devo obedecer-lhe para o meu próprio bem.					
3. Sempre que os meus pais me pedem ou me mandam fazer alguma coisa, esperam que eu faça imediatamente e sem questionar as suas ordens.					
4. Quando se estabelecem regras lá em casa, os meus pais debatem comigo as razões e os motivos.					
5. Os meus pais sempre me encorajaram a falar, quando não estava de acordo com as regras e restrições lá de casa.					
6. Os meus pais acham que, os jovens devem ter a sua maneira de pensar e de agir, mesmo que isso vá contra a vontade dos pais.					
7. Os meus pais não admitem que eu ponha em causa as suas decisões.					
8. Os meus pais sempre organizaram as ações dos filhos, com base na argumentação e disciplina.					
9. Os meus pais pensam que, para que os filhos se comportem como desejado, os pais devem ser bastante firmes.					
10. Os meus pais defenderam que eu não devo obedecer a uma regra, só porque alguém com autoridade me disse para fazer.					
11. Sei o que os meus pais esperam de mim, mas, sinto-me suficientemente à vontade para falar com eles quando achar que as suas expectativas não são razoáveis.					
12. Os meus pais acham que, pais sensatos devem ensinar desde cedo quem é que manda na família.					
13. Só muito raramente é que os meus pais me orientaram ou disseram o que esperavam do meu comportamento.					
14. Muitas vezes, as decisões familiares que os meus pais tomam, têm por base o que os filhos querem.					
15. Os meus pais costumam orientar-me de forma racional e objetiva.					
16. Os meus pais ficariam muito aborrecidos se eu discordasse deles.					
17. Os meus pais acham que grande parte dos problemas da sociedade seriam resolvidos se os pais não estabelecessem limites às ações dos filhos, à medida que estes vão crescendo.					
18. Desde sempre que os meus pais me mostram que comportamentos esperam de mim e se eu não corresponder a essas expectativas, castigam-me.					
19. Desde sempre que os meus pais me deixaram decidir a maior parte das coisas por mim mesmo, dando-me poucas orientações.					

20. Os meus pais sempre tiveram em linha de conta as minhas opiniões nas decisões de família, mas não optariam por uma decisão só para me fazer a vontade.					
21. Os meus pais não se sentem responsáveis por orientar o meu comportamento.					
22. Os meus pais têm um padrão de comportamento segundo o qual me orientam, mas mostram-se dispostos a ajustar esse padrão às minhas necessidades.					
23. Os meus pais dão-me orientações e esperam que eu as siga, mas estão sempre disponíveis para conversar se eu tiver dúvidas e preocupações.					
24. Os meus pais sempre me deram espaço para ter as minhas opiniões e normalmente deixam-me decidir o que fazer.					
25. Os meus pais pensam que a maior parte dos problemas da sociedade seriam resolvidos, se os pais tratassem dos filhos com rigor e os forçassem a fazer o que é esperado deles.					
26. Os meus pais dizem-me exatamente o que querem e como querem que eu faça.					
27. Os meus pais orientam de forma clara as minhas ações, mas são sempre compreensivos quando eu não concordo com eles.					
28. Os meus pais orientam os meus comportamentos, atividades e desejos.					
29. Eu sei o que os meus pais esperam de mim em relação a família e insistem que devo conformar-me as suas expectativas por respeito à sua autoridade.					
30. Se os meus pais tomarem uma decisão que me magoa, estão dispostos a debater essa decisão comigo e, se for caso disso, admitirem que erraram.					

□

Anexo E – Questionário PBI (Modelo para o Pai)

Este questionário enumera as várias atitudes e comportamentos dos pais. Deverá colocar uma cruz (X) no quadrado mais apropriado a seguir a cada resposta relativamente ao modo como recordo o seu **PAI** nos primeiros 16 anos de vida.

	Concordo totalmente	Concordo moderadamente	Discordo moderadamente	Discordo totalmente
1. Falava comigo num tom de voz carinhoso e simpático.				
2. Não me ajudava tanto como eu necessitava.				
3. Deixava-me fazer aquelas coisas que eu gostava de fazer.				
4. Parecia emocionalmente frio comigo.				
5. Mostrava compreender os meus problemas e preocupações.				
6. Era afetuoso comigo.				
7. Gostava que eu tomasse as minhas próprias decisões.				
8. Não queria que eu crescesse.				
9. Tentava controlar tudo aquilo que eu fazia.				
10. Invadia a minha privacidade.				
11. Gostava de falar com sobre as coisas comigo.				
12. Frequentemente sorria para mim.				
13. Costumava tratar-me como um bebé.				
14. Parecia não compreender o que eu precisava ou queria.				
15. Deixava-me decidir as coisas por mim próprio.				
16. Fazia-me sentir que eu não era desejado.				
17. Conseguia fazer-me sentir melhor quando eu estava preocupado.				
18. Não costumava falar muito comigo.				
19. Tentava fazer com que me sentisse dependente dele.				
20. Fazia-me sentir que não conseguia tomar conta de mim sem que ele estivesse presente.				
21. Deu-me tanta liberdade quanto aquela que eu queria.				
22. Deixava-me sair tantas vezes quanto eu queria.				
23. Era hiper protetor comigo.				
24. Não me elogiava.				
25. Deixava-me vestir do modo que eu queria.				

(Modelo para a Mãe)

Este questionário enumera as várias atitudes e comportamentos dos pais. Deverá colocar uma cruz (X) no quadrado mais apropriado a seguir a cada resposta relativamente ao modo como recorda a sua **MÃE** nos primeiros 16 anos de vida.

	Concordo totalmente	Concordo moderadamente	Discordo moderadamente	Discordo totalmente
1. Falava comigo num tom de voz carinhoso e simpático.				
2. Não me ajudava tanto como eu necessitava.				
3. Deixava-me fazer aquelas coisas que eu gostava de fazer.				
4. Parecia emocionalmente fria comigo.				
5. Mostrava compreender os meus problemas e preocupações.				
6. Era afetuosa comigo.				
7. Gostava que eu tomasse as minhas próprias decisões.				
8. Não queria que eu crescesse.				
9. Tentava controlar tudo aquilo que eu fazia.				
10. Invadia a minha privacidade.				
11. Gostava de falar com sobre as coisas comigo.				
12. Frequentemente sorria para mim.				
13. Costumava tratar-me como um bebé.				
14. Parecia não compreender o que eu precisava ou queria.				
15. Deixava-me decidir as coisas por mim próprio.				
16. Fazia-me sentir que eu não era desejado.				
17. Conseguia fazer-me sentir melhor quando eu estava preocupado.				
18. Não costumava falar muito comigo.				
19. Tentava fazer com que me sentisse dependente dela.				
20. Fazia-me sentir que não conseguia tomar conta de mim sem que ela estivesse presente.				
21. Deu-me tanta liberdade quanto aquela que eu queria.				
22. Deixava-me sair tantas vezes quanto eu queria.				
23. Era hiper protetora comigo.				
24. Não me elogiava.				
25. Deixava-me vestir do modo que eu queria.				

Anexo F- Solicitação dos questionários aos autores

Predictive Antisocial Spectrum Questionnaire



Denise Barbosa <deni.barbosa2001@gmail.com>
para mbpereira ▾

seg., 6 de jan., 12:51 ☆ 😊 ↩ ⋮

Bom dia Prof.Dr Miguel,

Espero que este e-mail o encontre bem.

Sou aluna de mestrado na Universidade Lusíada de Lisboa e pretendo fazer a minha dissertação sobre o comportamento antissocial sob a orientação da Prof.^{Dr} Rita Antunes. Com isso, gostaria de saber se poderia utilizar o questionário acima referido para o meu estudo.

Atenciosamente,
Denise Barbosa



Miguel Basto Pereira
para mim ▾

seg., 14 de jul., 22:18 (há 3 dias) ☆ 😊 ↩ ⋮

Boa tarde Denise,

Eu autorizo a utilização do instrumento de avaliação Predictive Antisocial Spectrum.
A cotação segue no próximo e-mail.

Com os melhores cumprimentos,

Miguel Basto Pereira, Ph.D.

Parental Bonding Instrument (PBI)



Denise Barbosa <deni.barbosa2001@gmail.com>
para isabel.leal ▾

seg., 6 de jan., 14:45 ☆ 😊 ↩ ⋮

Boa tarde Prof.^{Dr} Isabel,

Espero que este email lhe encontre bem.

Sou aluna de mestrado na Universidade Lusíada de Lisboa e pretendo fazer a minha dissertação sobre a influência que a vinculação e os estilos parentais têm no comportamento antissocial sob a orientação da Prof.^{Dr} Rita Antunes. Com isso, gostaria de saber se poderia utilizar o questionário acima referido para o meu estudo.

Atenciosamente,
Denise Barbosa

Parental Authority Questionnaire

Caixa de entrada x



Denise Barbosa <deni.barbosa2001@gmail.com>
para jose.morgado ▾

qua., 8 de jan., 12:55 ☆ 😊 ↩ ⋮

Boa tarde Prof.Dr José,

Espero que este email lhe encontre bem.

Sou aluna de mestrado na Universidade Lusíada de Lisboa e pretendo fazer a minha dissertação sobre a influência que a vinculação e os estilos parentais têm no comportamento antissocial sob a orientação da Prof.^{Dr} Rita Antunes. Com isso, gostaria de saber se poderia utilizar o questionário acima referido para o meu estudo.

Atenciosamente,
Denise Barbosa